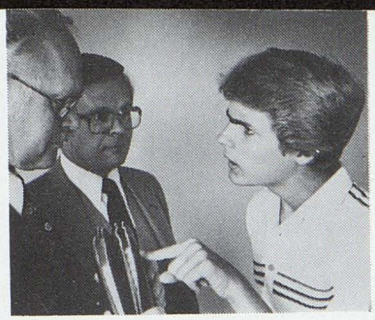
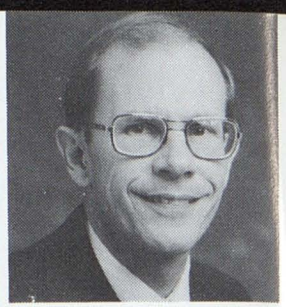
A Liahona 36/2 FEVEREIRO 1983





GM
M205.5
L694PO
v.36
1983

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley
CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche
EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.
EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

FEVEREIRO DE 1983
PBMA0540PO
S. PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 — Mensagem da Primeira Presidência: "AQUELE QUE QUISER SALVAR SUA VIDA", Presidente Gordon B. Hinckley
9 — O Verão Inesquecível, Alma J. Yates
13 — Verdadeiramente a Palavra de Deus, Tommy L. Tobin
16 — Como Enfrentar Críticas no Ensino Familiar e Outras Situações, Dan Workman
22 — "Se a Trombeta Der Sonido Incerto", Wayne B. Lynn
24 — LeGrand Richards: Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro, Lucile C. Tate
35 — O Exame, Kanko Yamabuki

MORMONISMO

39 — Ponta de Ferro Renova Seus Convênios, Lynn L. Wright
43 — "Orgulho e Preconceito", Susan Evans McCloud

SEÇÃO INFANTIL

I Um Canto no Coração
V Só Para Divertir. O Sacramento
VI De Um Amigo Para Outro, Élder Gene R. Cook
VIII Nosso Assombroso Sentido do Tato, Betsy Obando

NOTÍCIAS LOCAIS

I Bendito o que vem em nome do Senhor
III Nosso dever de Santos dos Últimos Dias
VIII Novas estacas no Rio de Janeiro
VIII Estaca em Petrópolis
IX Manaus — Capital do Estado do Amazonas
XII Portugal que nós conhecemos
XIII Campeonato de futebol
XIV Com a força do Senhor
XV Semana da família
XVI Festival infantil
XVII Minha alma deleita-se no canto do coração
XVIII Feliz experiência
XX Natal dos menos favorecidos
XX Uma outra faceta das escrituras
XXI De capitão a Élder
XXII A família Prieto
XXIV Assuntos temporais

Nota da Capa: Élder LeGrand Richards do Quorum dos Doze

Capa posterior: (Nota: Uma foto pequena do Élder LeGrand Richards acompanha as citações. A capa anterior apresentará uma foto colorida dele; no interior aparecerá um esboço biográfico. As citações foram tiradas de discursos de conferência geral.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 800,00;** para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência **Cr$ 40,00.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Numa manhã de domingo, anos atrás, encontrava-me na casa de um presidente de estaca numa pequena cidade de Idaho. Antes da oração matinal, a família leu alguns versículos das escrituras, entre eles as palavras de Jesus registradas em João 12:24: "Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na

"AQUELE QUE QUISER SALVAR SUA VIDA"

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Assim como a semente precisa ser plantada e "morrer" para dar frutos, nós também temos de perder a vida e "viver" servindo.



terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto."

O Mestre, sem dúvida, referia-se a sua morte iminente, declarando que se não morresse, sua missão na vida seria sem propósito. Parece-me, também, que o Senhor diz a cada um de nós que se não nos perdermos no serviço ao próximo, nossa vida não terá grande propósito, pois prossegue assim: "Quem ama sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece sua vida, guardá-la-á para a vida eterna." (João 12:25.) Ou, conforme consta em Lucas: "Qualquer que procurar salvar sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á." (Lucas 17:33). Em outras palavras, quem vive só para si se estiola e morre, enquanto que aquele que serve ao próximo, progride e frutifica nesta vida e na eternidade.

Na conferência de estaca daquela manhã, o presidente que me hospedara foi desobrigado após treze anos de serviços fiéis. Houve uma demonstração geral de afeto e apreço por ele, não devido a sua riqueza, sua posição na comunidade empresarial, mas por causa de seu grande serviço e abnegação. Sem pensar em si, viajara dezenas de milhares de quilômetros sem ligar para o tempo. Negligenciara seus negócios pessoais para socorrer os que dele precisavam. E assim ele frutificou e tornara-se grande aos olhos daqueles a quem servira.

Um novo presidente foi empossado naquela manhã para alegria e orgulho de muitos, sobretudo de um irmão sentado à mesa do secretário da estaca, carteiro rural por profissão. Pois fora ele que, fazia doze anos, conseguira reativar com calma e paciência seu vizinho totalmente inativo.

Teria sido muito mais fácil deixar aquele vizinho indiferente seguir seu caminho; muito mais fácil continuar vivendo sua vidinha calmamente. Mas o carteiro pôs de lado seus interesses pessoais no interesse do outro; e esse outro acabou tornando-se o líder honrado e respeitado de uma grande estaca de Sião. Ao vê-lo ser apoiado pela congregação, o irmão sentado à mesa do secretário verteu lágrimas de gratidão. Esquecendo-se de si, dera alegria e propósito à vida do irmão apoiado como presidente de estaca.

Philips Brooks (clérigo e escritor norte-americano, 1835-1893), fez esta significativa observação: "Com quanto cuidado a maioria dos homens desliza furtivamente para túmulos sem nome, enquanto ocasionalmente um ou dois conquistam a imortalidade esquecendo-se de si."

Recordo-me de uma visita a um amigo no sul da Índia. Tivéramos nosso primeiro contato doze anos antes, atendendo ao seu pedido que alguém fosse batizá-lo. Dez anos antes desse pedido, caíra-lhe nas

mãos um folheto missionário da Igreja sem saber como chegara ali. Ele escreveu aos escritórios da Igreja na Cidade do Lago Salgado, recebendo então mais literatura. Ele não foi batizado por ocasião de nosso primeiro encontro, mas providenciamos que o evangelho lhe fosse ensinado, sendo batizado meses mais tarde.

Esse homem era contador numa pequena fábrica de cimento. Seu salário era pequeno assim como sua casa; mas tinha um coração enorme e generoso. Por amor aos outros, nascido de seu conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo, ele construiu com suas próprias mãos uma escola num terreno adquirido com economias suas. Era obviamente uma construção simples e tosca; mas nela estudavam umas quatrocentas crianças, fugindo das trevas da ignorância para a luz do conhecimento. Quanto esse ato de amor significa e significará na vida delas é incalculável.

Com seu esforço, esse único homem estabeleceu cinco pequenos ramos da Igreja em aldeias rurais do sul da Índia. Os membros construíram três ou quatro pequenas casas de reunião bem cuidadas e limpas, ostentando sobre a porta um letreiro em inglês e tâmil: "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias." O piso era cimentado e não havia bancos; lá nos reuníamos para compartilhar nosso testemunho e participar do sacramento da Ceia do Senhor.

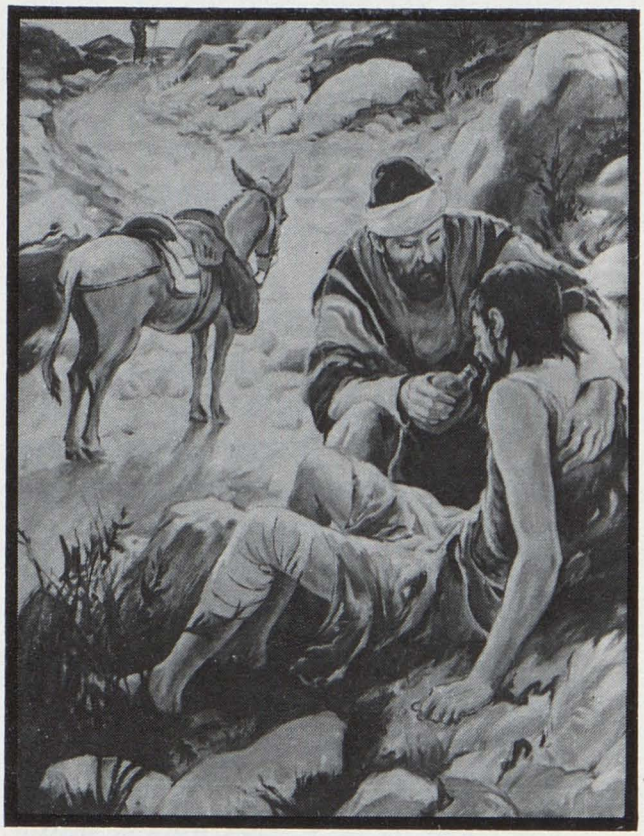
Agora, a Igreja tem pouco mais de duzentos membros entre os milhões e milhões de indianos. Algum dia, alguém escreverá a história da Igreja na Índia. Ela será incompleta se não houver um capítulo a respeito do meu amigo que dedicou a vida a serviço do próximo.

Na mesma longa viagem em torno do mundo, encontramos outro amigo, ex-professor da Universidade Brigham Young. Com os filhos já criados, ele e sua esposa resolveram que em lugar de simplesmente se aposentar — como poderiam ter feito e milhões de outros o fazem — procurariam um lugar onde pudessem ajudar alguns filhos do Pai ensinando-lhes as verdades salvadoras.

E encontraram esse lugar. Venderam sua bela casa, o carro; trocaram amigos e familiares por um lugar distante e menos confortável. Ao lançarem seu pão sobre as águas, o Senhor abriu-lhes oportunidades para ensinarem, inspirarem e ajudarem outros. Ninguém pode predizer as conseqüências dessa sua obra pioneira.

Pensando nesse casal que deixou o conforto do lar, a sociedade e amigos, numa idade em que a maioria das pessoas procura trabalhar menos e descansar, lembrei-me destas palavras do Senhor: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai,

"AQUELE QUE QUISER SALVAR SUA VIDA"



ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." (Mateus 19:29.) Lembro-me delas sempre que encontro ou ouço falar de irmãos idosos, solteiros ou casados, que se oferecem ou aceitam o chamado para servir o Senhor nas missões da Igreja.

Precisamos deles. O Senhor precisa deles. O povo da terra precisa deles. E esses maravilhosos irmãos e irmãs precisam igualmente dessa bendita experiência. Pois, falando em termos gerais, as pessoas mais miseráveis que conheço são as obcecadas com a própria pessoa; e as mais felizes, aquelas que se esquecem de si servindo ao próximo.

Lembro-me de uma visita a um campus universitário onde ouvi as queixas usuais da juventude, principalmente a respeito das pressões escolares, como se fosse um fardo e não uma oportunidade poder adquirir conhecimentos terrenos, dos alojamentos e da comida.

Aconselhei aqueles jovens que se as pressões escolares fossem demasiadas, se estivessem descontentes com o alojamento e a comida, deixassem de lado os livros por algumas horas e fossem visitar alguma pessoa idosa e só, alguém doente e deprimido. Descobri que quando nos queixamos da vida, geralmente estamos pensando só no próprio eu.

O poder de prestar serviços significativos por iniciativa própria está em nós.

Durante muitos anos havia numa sapataria, onde eu costumava mandar consertar sapatos, um cartaz dizendo: "Reclamei da falta de sapatos até que vi um homem sem pés." O melhor remédio para a autopiedade é nos dedicarmos a serviço do próximo.

Certas moças e até mesmo alguns rapazes preocupam-se em demasia com a questão se terão oportunidade de casar. É lógico que o casamento é desejável; é lógico que devemos esperar e procurar casar. Mas preocupar-se com isso não adianta nada; pelo contrário, poderá dificultar o casamento. Não há nada mais prejudicial à personalidade que uma atitude negativa. Algumas pessoas talvez não cheguem a casar-se nesta vida. Nem por isso devem esquecer-se de que a vida, apesar disso, pode ser mais rica e produtiva do que são capazes de imaginar. E a chave para essa felicidade é esquecer-se de si no serviço ao próximo.

Quero parabenizar nossos irmãos que de bom grado dedicam parte de seu tempo realizando a sagrada obra dentro dos templos do Senhor, obra que engloba a própria essência do serviço abnegado. Um dos milagres de nossos dias é, a meu ver, a consagração de tanto tempo e esforço de centenas de milhares de pessoas ocupadas em favor dos mortos. Os que se dedicam a esse serviço sabem que ele produz uma sensação agradável e gratificante, e esta doce bênção do Espírito torna-se literalmente o remédio para curar muitos males da vida. Tais experiências nos mostram que só quando servimos ao próximo estamos realmente servindo a Deus.

Disse o Senhor nesta dispensação: "Na verdade digo que os homens devem-se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem; pois neles está o poder para assim fazer..." (D&C 58:27-28.)

O poder está em nós, em cada um de nós, meus queridos irmãos e irmãs, o poder de prestar serviços significativos por iniciativa própria, desde que nos empenhemos zelosamente.

Emerson diz que toda grande instituição é unicamente a sombra projetada de uma grande pessoa. (Ver Ralph Waldo Emerson, *Essays, First Series: Self-Reliance.*) Tenho pensado nisso ao lembrar-me de algumas pessoas que fizeram um excelente trabalho em áreas de minha responsabilidade. Quando penso em nossa atual situação na Coréia — sete estacas e três missões — acho que de certa forma é apenas a sombra projetada pelo Dr. Kim e dois rapazes, Oliver Wayman e Don C. Wood, que lhe ensinaram o evangelho enquanto era estudante da Universi-

dade Cornell, em Nova York. Estes jovens conseguiram despertar em seu colega coreano interesse em ler o Livro de Mórmon. Sua preocupação com ele, suas atividades com ele eram totalmente distintas do motivo de estarem na universidade. Todos os três faziam um curso de pós-graduação que lhes tomava cada minuto do dia. Mas mesmo assim reservavam algum tempo para ensinar e aprender. E quando o Dr. Kim diplomou-se e voltou para sua terra natal, levou consigo o amor pelo Livro de Mórmon e pela Igreja que freqüentara em Ithaca, Nova York. Militares norte-americanos SUD que participaram da guerra na Coréia também compartilharam o evangelho com alguns companheiros coreanos. Assim, o interesse do Dr. Kim, homem erudito e de responsabilidade, foi o catalizador que levou à introdução da obra na Coréia, incluindo o envio de missionários do Japão. O Dr. Kim já faleceu mas a obra prossegue esplendorosa, afetando positiva e eternamente um crescente número de habitantes da "Terra das Manhãs Tranqüilas".

Nas Filipinas, a Igreja conta hoje com mais de cinqüenta e cinco mil membros, com dezesseis estacas e quatro missões. É uma das áreas de proselitismo mais produtivas do mundo. Quando se escrever a história da obra nas Filipinas, deverá ser incluído a história da Irmã Maxine Grimm, uma jovem de Tooele, Utah, que serviu na Cruz Vermelha durante a II Guerra Mundial na campanha do Pacífico. Ela casou-se com um oficial americano e após a guerra eles se estabeleceram em Manila, onde empenhou-se em difundir o evangelho, chegando mesmo a solicitar o envio de missionários. Seu marido encarregou-se das medidas legais além de colaborar de outras formas para possibilitar a entrada dos missionários. Teria sido bem mais fácil para eles seguirem seu caminho, ganharem dinheiro e usufrui-lo; mas a Irmã Grimm foi incansável em seus esforços e apelos.

Naquela época, eu era o responsável pela obra na Ásia e assim fui portador de seus apelos à Primeira Presidência que, em 1961, autorizou a inclusão daquele país na obra missionária formal. Em maio de 1961, realizamos uma reunião dando início à obra nas Filipinas. Não dispondo de um local para nos reunirmos, recebemos da Embaixada Americana permissão de fazê-lo no Cemitério Militar Americano situado nos arredores de Manila. Ali, onde somos lembrados do sacrifício de mais de cinqüenta mil homens que deram sua vida pela causa da liberdade, nos reunimos às 6h30 da manhã e cantamos os hinos de Sião acompanhados pela Irmã Grimm num pequeno órgão portátil que carregara consigo durante os combates

no Pacífico. Prestamos testemunho e invocamos as bênçãos do céu para a obra que se iniciava, na presença do único membro filipino da Igreja.

Foi o início de algo maravilhoso, o começo de um milagre. O resto é história, às vezes desalentadora, outras vezes gloriosa. Voltei lá, anos atrás, com o Presidente Spencer W. Kimball e outros por ocasião de uma conferência de área. Cerca de dezoito mil membros da Igreja reuniram-se no grande Coliseu Aranetta, o maior recinto de reuniões existente no país.

Pensando em anos passados, lembrei-me com apreço da irmã que se esquecera bastante de seus interesses em favor do sonho de um dia haver uma Igreja forte na terra na qual vivia, proporcionando uma felicidade até então desconhecida a milhares de pessoas maravilhosas.

Ora, diriam alguns, se estivéssemos num lugar exótico como as Filipinas nós faríamos o mesmo. Acredito que sim. Mas gostaria de lembrar que todo lugar no mundo é exótico ou comum para alguém. Em qualquer país, em toda cidade, casa e vida existem constantes oportunidades de expandirmos nossa vida e nossos interesses em favor de outros.

Meu apelo é — esqueçamo-nos um pouco de nós mesmos e voltemo-nos ao próximo — se quisermos ter um coração alegre e o Espírito do Senhor reinando em nossa vida. Coloquemos um pouco de lado nossos interesses pessoais e egocêntricos e sirvamos ao próximo. Assim fazendo, descobriremos a veracidade da grande promessa do Mestre: "Qualquer que quiser salvar sua vida, perdê-la-á; ou *qualquer que quiser salvar sua vida, deverá estar disposto a perdê-la por amor de mim; e se não estiver disposto a perdê-la por amor de mim, perdê-la-á.*

"Mas todo o que *estiver disposto* a perder sua vida por amor a mim e ao evangelho, o mesmo a salvará." (*Tradução Joseph Smith* — Marcos 8:37-38.)

Testifico que estas palavras são tão verdadeiras hoje como quando as pronunciou. Testifico que Deus, nosso Pai Eterno, vive. Testifico que Jesus é o Cristo, o Salvador deste mundo. E testifico que ao estender a mão ao próximo, encontraremos nosso verdadeiro eu e abençoaremos grandemente o mundo em que vivemos.

Idéias para os Mestres Familiares

Pontos a Ressaltar. *Talvez você queira ressaltar estes pontos durante a apresentação de sua mensagem de mestre familiar:*

1. Aquelas que se esquecem de si servindo ao próximo, são as

pessoas mais felizes; e as mais miseráveis, aquelas que só pensam em si próprias.

2. Se costumamos queixar-nos da vida, possivelmente estejamos pensando só em nós.

3. O melhor remédio para curar acessos de autopiedade é esquecer-nos de nós no serviço ao próximo.

4. Servindo ao próximo estaremos servindo ao Senhor. (Ver Mosiah 2:17.)

5. Em qualquer país, em toda cidade, casa e vida existem constantes oportunidades de expandir nossa vida e nossos interesses em favor de outros.

Sugestões para o Debate

1. Fale do que sente ou de algumas experiências a respeito da bênção de servir ao próximo. Peça aos familiares que compartilhem seus sentimentos.

2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem alguma mensagem para o chefe da família a respeito do ensino dos familiares?

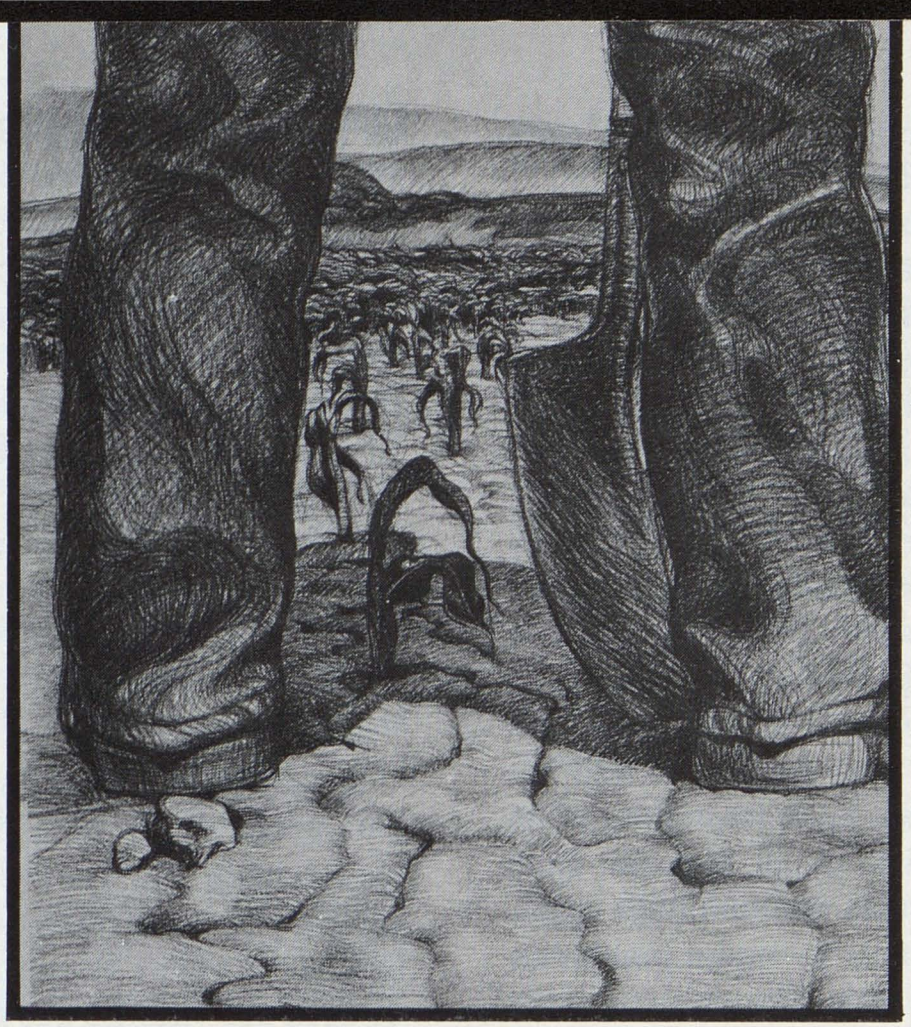
EXCERTOS de Sermões Inspirados do Presidente N. Eldon Tanner

Seu Testemunho

Presto testemunho de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, é o cabeça desta Igreja e a dirige através de seu profeta, o Presidente Spencer W. Kimball.

Como portadores do sacerdócio, devemos saber que Deus é nosso Pai; que seu Filho Jesus Cristo é nosso Salvador; que poderemos ressuscitar através de seu sacrifício expiatório e ganhar a vida eterna se seguirmos seus ensinamentos; que a Igreja de Jesus Cristo foi estabelecida através de revelação; que Spencer W. Kimball é um profeta de Deus e presidente da Igreja de Jesus Cristo, e que o sacerdócio que portamos é o poder delegado por Deus a nós para agirmos em seu nome.

Se procurais felicidade nesta vida e vida eterna com o Pai Celestial e seu Filho Jesus Cristo, no futuro, exorto-vos a encontrar o caminho, a verdade e a vida que estão em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.



O VERÃO INESQUECÍVEL

Alma J. Yates

Ilustrado por Dilleen Marsh.

Houve uma época em minha vida em que eu questionava a fé que caracterizava meu pai. Suas convicções eram uma parte integrante de sua vida, suficientemente firmes para resistir a qualquer provação, adversidade ou desafio que se apresentasse.

Quando menino, vivíamos numa pequena propriedade agrícola em Utah onde o dinheiro era escasso e abundante o trabalho. Naqueles anos, os verões pareciam-me particularmente duros e repletos de faina infindável. Havia fileiras e mais fileiras de beterrabas para desbastar, milho para capinar e valas para limpar; o mato crescia sem cessar e havia sempre mais outro monte de feno para recolher.

A única coisa boa, o único oásis agradável em todo o verão trabalhoso era o domingo, o dia do Senhor. O mato, o feno no campo

e o milho maduro tinham de esperar a segunda-feira.

Descansar no domingo nem sempre era tão fácil como largar a enxada e esquecer o milharal. Havia complicações. O verão era a única época para se assegurar certa segurança financeira. Se o lavrador não conseguisse bons resultados nos breves meses de estio, o longo inverno se tornava duro e difícil. As plantações *tinham* de dar boa safra e geralmente a chave para essa modesta prosperidade era água — água que era escassa em Utah, água que raramente vinha em forma de chuva, água que tinha de ser acumulada com todo cuidado durante o inverno e primavera, e bem racionada nas semanas quentes e secas do verão.

Toda fazenda dependia da irrigação. E a vala de irrigação com sua bendita água era a única defesa do lavrador contra o desastre. Irrigar era imperativo e às vezes criava um grave dilema no dia do Senhor. Alguns anos nosso dia de irrigar caía na segunda, outros na terça e assim por diante; mas de tempos em tempos também caía no domingo. O lavrador não tinha escolha.

Como acontecia a todo mundo, às vezes o dia de papai caía no domingo. Lembro-me bem dessas ocasiões pois sempre me impressionava a determinação de papai de santificar o dia do Senhor. Não acredito que o Senhor o condenaria por irrigar suas plantações num domingo. Ele conhecia o coração de papai e também as condições de trabalho dele e dos outros lavradores. Entretanto, papai procurava evitar até mesmo esse trabalho no domingo. Tinha certeza de que, se o Senhor fosse responsável pelo calendário de irrigação para os agricultores, ninguém teria sua vez no domingo. Jamais ouvi papai falar de sua decisão de não violar o dia do Senhor, mas sua vida a demonstrava.

Quando sua vez de irrigar caía num domingo, ele fazia o possível para evitá-lo. Na sexta-feira e sábado ele ficava vigiando a vala de irrigação a espera de alguma sobra de água dos vizinhos que ficasse na sua vala, utilizando cada gota que sobrasse e assim no domingo suas plantações estavam aguadas. Não me lembro de que alguma vez tenha sido forçado a trabalhar no dia do Senhor. Isto significava aumento de trabalho para ele, mas papai estava disposto a sacrificar-se se isto lhe permitisse descansar no dia do Senhor.

Tudo que precisava ser feito acabava executado. Observando-o durante anos, sua dedicação e firmeza foram um testemunho para mim de que o Senhor abençoa os que procuram guardar seus mandamentos.

Então, veio um ano em que sua fé foi duramente provada. O calor

chegou cedo naquele ano, fazendo prever forte seca. Os dias se arrastavam enquanto o sol queimava tudo — o gramado, a horta e os campos. Um péssimo ano para o dia de irrigação cair nos domingos! As plantações precisavam de água, água que não sobrava na vala na sexta e sábado; conseqüentemente, no domingo tudo estava seco.

Certo domingo, mamãe abordou papai muito preocupada, dizendo:

"Joseph, acho melhor você abrir o dique, pelo menos para o gramado e a horta. Eles estão estorricando."

E era verdade. Tudo estava estorricando sem água. Não havia alternativa. A lavoura precisava de água e se papai deixasse passar sua vez, não haveria água até o domingo seguinte. E as plantações não agüentariam outra semana de seca.

Assim, antes de vestir-se para as reuniões dominicais, papai saiu de casa carregando uma pá. Deve ter sido muito duro para ele subir a colina naquela manhã. Durante anos se esforçara por evitar até mesmo esse trabalho, e agora estava sendo forçado a fazê-lo. Estávamos convencidos de que o Senhor não o condenaria por aquilo; ainda assim, papai ansiava por encontrar outra saída.

Chegando na vala de irrigação, instalou a comporta de lona; mas antes de prosseguir, ficou contemplando a vala ainda agachado. O que fazer? perguntava-se, ponderando o mandamento do Senhor de santificar seu dia. Será que realmente acreditava nesse mandamento, não apenas da boca para fora mas de todo o coração? Ainda profundamente imerso em pensamentos, ele recebeu uma comunicação comovente e poderosa, que jamais conseguiria esquecer: "Tira essa comporta, pega tua pá. Eu cuidarei das coisas para ti. Pode não ser hoje, mas cuidarei. Quanto ao verão, deixa comigo. Eu proverei."

Papai se pôs de pé. Não havia mais ninguém por ali. Olhou para cima. O céu estava claro e azul, nenhuma nuvem a vista. E uma brisa seca prometia um dia tórrido, sufocante.

Com a terra estorricando sob o sol inclemente, papai arrancou a comporta e voltou para casa. Fora-lhe dito o que fazer. Sabia disso. Não sabia como, mas sabia que lhe fora prometido. Arrumou-se e foi para a reunião, deixando sua propriedade aos cuidados do poder no qual confiara a vida inteira.

Quando voltamos das reuniões, o céu continuava límpido, o ar quente e seco e as plantações estiolando-se ao sol inclemente. Sem nenhum sinal de chuva a vista, mamãe, profundamente preocupada com sua horta, voltou a falar com papai, que não contara nada de sua experiência.

"Continua sem nenhum sinal de chuva. O que você vai fazer com a horta?"

Pela segunda vez naquele dia, papai foi até a vala de irrigação com o coração pesado. Colocou a comporta com relutância mas depois parou, assustado com sua convicção vacilante. "Onde anda sua fé?" perguntou-se pungentemente.

Com renovada decisão, retirou a comporta, desceu a colina resolvido a nunca mais voltar à vala num domingo. Nisso, erguendo os olhos para o céu, viu nuvens se acumulando. Dentro de uma hora, chovia a cântaros. O solo estorricado absorveu a água tão necessária, dessedentando o gramado, a horta e as plantações.

Aquela chuva foi um milagre, mas também somente o começo. O verão apenas começara. Restavam ainda os sufocantes meses de julho e agosto. Papai, contudo, não se preocupava. O Autor da lei lhe prometera prover um meio de ele poder cumprir o mandamento.

Na semana seguinte, um vizinho de papai perguntou se não trocaria parte de sua água de domingo por parte da água de sábado. Papai rejubilou-se. Durante o breve período de irrigação no sábado, pôde agüar o gramado e a horta, mas não as culturas de milho, cevada e feno. O Senhor, porém, continuou abençoando-o. Durante todo o verão, sempre que havia mais necessidade de chuva, surgiam nuvens, chovia e as culturas eram salvas.

Papai estava tão certo de que o Senhor cuidaria das coisas, que durante o verão inteiro não limpou nenhuma valeta na plantação de milho. Estávamos no quente e seco Utah, onde a existência de todo lavrador dependia literalmente daquelas valas de irrigação. Naquele verão, porém, as valetas da propriedade de papai nunca foram usadas. Nunca antes papai passara o verão inteiro sem irrigar suas plantações, mas naquele ano foi diferente — aquele era o verão do Senhor e ele proveria.

No outono, papai havia colhido três excelentes cortes de feno, uma ótima safra de cevada e milho. Em verdade, as janelas dos céus foram abertas e o Senhor proveu.

Já passou um bom tempo desde aquele verão, mas minha fé nunca mais vacilou. O Senhor quer abençoar-nos tantas vezes, mas nós não permitimos. Tememos confiar em quem nos deu tudo e continua ansioso por nos mandar a água da vida, por assim dizer. Suas bênçãos estão a nossa espera, desde que confiemos nele incondicionalmente. Às vezes, aparentemente, vemos nossos sonhos estiolar-se sem sinal de alívio no horizonte. Mas, uma vez provada nossa fé, acontece o milagre.

VERDADEIRAMENTE A PALAVRA DE DEUS

Tammy Lavena Tobin

Desde os treze anos eu sabia que queria viver servindo em minha igreja. Criada como membro de uma boa família católica com onze filhos, contei com o apoio dela durante seis anos de instrução num convento e quando fiz os votos perpétuos como freira. Servi primeiro em Perth, Austrália, e após quatro anos fui transferida para Sidnei. Considerava meu trabalho gratificante e tive muitas experiências maravilhosas servindo ao próximo. Jamais olvidarei aqueles anos, pois sinto que me prepararam para a experiência que modificou totalmente o curso de minha vida.

Começou como um dia normal. Encontrava-me a caminho da casa de uma senhora idosa distante uns dois quarteirões do convento, quando vi dois rapazes de terno escuro vindo ao meu encontro. O mais alto parou na minha frente, apresentou-se e perguntou o que eu sabia a respeito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Respondi que o que eu sabia a respeito de Jesus Cristo me bastava. Então ele insistiu:

— Se Cristo visitasse algum povo e lhe falasse, gostaria de saber o que ele disse?

Depois de ponderar um instante, repliquei: — Sim, gostaria.

Tirando do bolso um Livro de Mórmon, ele disse: — Este livro fala da visita de Jesus Cristo a um antigo povo da América. Tudo o que Deus espera é que leia quarenta e uma páginas dele e a seguir ore, perguntando-lhe se é verdade. A senhora faria isso por ele?

Repliquei que vendo que ele dava tanta importância a sua religião como eu à minha eu atenderia seu pedido. Guardei o livro na bolsa e continuei meu caminho.

Ainda não consigo descrever o que senti lendo as mencionadas quarenta e uma páginas na mesma noite. Não tive de orar para saber que a mensagem era verdadeira. As palavras do Salvador eram absolutamente belas; sabia que eram autênticas a cada palavra que lia. Fui dormir sentindo-me melhor que nunca em minha vida. Sentia ter encontrado a verdade.

Na manhã seguinte, tive vontade de falar a alguém sobre meu achado, mas com relutância disse a mim mesma: "Não pode ser verdade." Levantei e preparei-me para o encontro com os élderes; mas à medida que a hora se aproximava, fui ficando nervosa. Chegando cedo demais, os dez minutos que esperei pareceram-me horas. Afinal, vi-os chegando, bem na hora marcada.

Como primeira coisa, devolvi-lhes o Livro de Mórmon, informando-os de que o não queria mais, embora bem lá no íntimo soubesse que era mentira. Em lugar de aceitar o livro, porém, um deles perguntou se eu orara a respeito.

— Não, não orei, — respondi.

Ao que ele disse: — Jamais saberá se é verdadeiro se o não fizer.

Quis dizer que o livro não era verdadeiro, mas não pude. Os élderes perceberam que alguma coisa me inquietava, mas não sabiam o quê. Então o outro élder perguntou:

— Se leu as referidas páginas ontem à noite, por que não orou?

Como tinha de dar uma resposta, acabei contando como me sentira ao ler o livro. Então eles me disseram:

— A senhora sabe que o Livro de Mórmon é verdadeiro, e isto significa que Joseph Smith é um profeta de Deus e que temos autoridade divina para batizar. E isto significa que precisa batizar-se a fim de obedecer a essas verdades e seguir a Deus. A senhora permitirá ser batizada por alguém que tenha a autoridade de Deus?

Embora sabendo muito bem que deveria, eu respondi que não. Eu sabia estar errada, mas achei que assim me deixariam em paz. Mas estava enganada.

— Se Deus a mandasse batizar-se no domingo que vem (dali a três dias!), a senhora obedeceria?

O que mais podia responder além de: — Sim, eu obedeceria!

Então eles disseram: — Vamos a algum lugar onde possamos orar.

Quando ficamos a sós, eles me

explicaram como eu deveria orar. Ao orar e perguntar a Deus se deveria batizar-me, senti o mesmo como quando li o Livro de Mórmon. Quando abri os olhos, ficamos olhando um para o outro sem falar uma porção de tempo. Eu tinha medo de falar. Finalmente um dos élderes disse:

— Não foi um sentimento maravilhoso?

— Foi sim, — respondí.

— Obedecerá a Deus e cumprirá o mandamento de arrepender-se e ser batizada por uma pessoa autorizada? Fá-lo-á neste domingo?

Após hesitar por muito tempo, afinal respondi: — Sim, obedecerei a Deus e serei batizada.

Chegado o domingo, os missionários haviam-me ensinado muitas verdades maravilhosas da Bíblia — verdades que embora absolutamente óbvias, eu jamais lera ou ouvira antes. Eu não contara a nenhuma das outras freiras o que pretendia fazer. Saindo do convento ao encontro dos missionários naquela manhã, estava bastante nervosa mas emocionada também. A reunião foi uma experiência maravilhosa. O tempo entre a reunião e o batismo eu passei na casa de um membro maravilhoso. Chegando a hora, fiquei nervosa, embora sabendo que era a vontade de Deus. Assim fui batizada e confirmada membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

De volta ao convento naquela noite, senti-me tomada de memórias e emoções agradáveis enquanto fazia as malas. Quando algumas freiras entraram perguntando o que eu estava fazendo, simplesmente respondi:

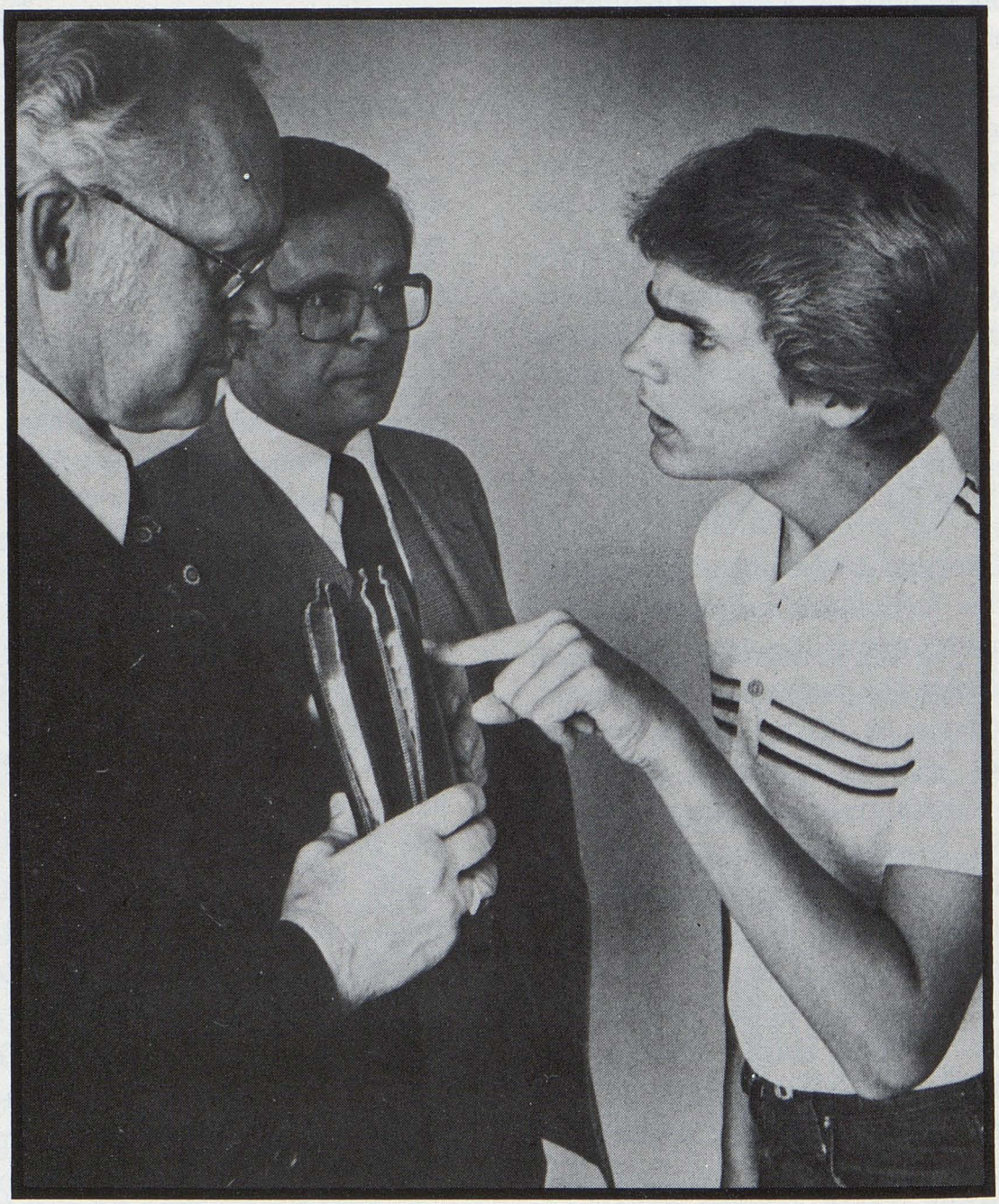
"Estou indo embora. Descobri aonde Deus quer que eu vá. Tornei-me mórmon. Fui batizada hoje."

Embora se mostrassem alarmadas, continuei arrumando minhas coisas; e ao me despedir delas, dei a cada uma um exemplar do Livro de Mórmon, dizendo: "Por favor, leiam-no com a mente e coração abertos."

Sei que o que fiz estava certo. Sou grata à Igreja Católica pelo que fez por mim. Sinto que minha vivência nela me preparou para aceitar o evangelho restaurado. Sei que Deus vive, que é um ser semelhante a nós ainda que perfeito. Jesus é o Cristo. Ele vive. Expiou nossos pecados com a condição de que nos arrependamos. Sei que Joseph Smith é um profeta de Deus e que temos um profeta vivo na terra hoje. E por experiência própria sei que o Livro de Mórmon é verdadeiramente a palavra de Deus.

COMO ENFRENTAR CRÍTICAS NO ENSINO FAMILIAR E OUTRAS SITUAÇÕES

Dan Workman



A crítica pode transformar-se num dos piores obstáculos ao amor, mas este é igualmente o melhor meio de se vencer a crítica.

Os mestres familiares mal tiveram tempo de cumprimentar a família e sentar-se, quando o adolescente deixou escapar: "Como podemos afirmar ser a única igreja verdadeira quando alguns dos melhores colegas de escola não são mórmons e acreditam na igreja deles exatamente como nós na nossa?"

Uma olhada para o pai do rapaz foi respondida com um levantar de ombros, como que dizendo: "Nós tentamos explicar; agora é *sua* vez."

O mestre familiar mais idoso pensou por um momento, após o que disse: "Bem, Carlos, eis uma boa pergunta. Faz-me lembrar de uma coisa que aconteceu quando eu era pouco mais velho que você. A primeira vez que saí de casa para freqüentar a faculdade, levei comigo certas falsas noções — preconceitos, eu diria agora. Pensava estar trocando a segurança de uma vida simples no interior pela decadência metropolitana onde meus princípios seriam desafiados a cada minuto. Mas não foi o que aconteceu. Fiquei surpreso ao verificar que a maioria de meus colegas eram gente boa. Alguns deles pertenciam a outras igrejas e outros a igreja nenhuma. E, observando sua conduta, ficava imaginando se eu conseguiria ser tão honesto como a maioria deles se não tivesse sido criado numa família SUD. Já pensou nisso?"

Carlos fez que sim, e o mestre familiar prosseguiu:

"Por isso, quando afirmamos que a nossa é a única igreja verdadeira, não queremos dizer que somos superiores a outras pessoas ou os únicos preocupados em fazer o bem, mas sim que somos a única igreja autorizada pelo Senhor, pelo poder do sacerdócio, a pregar o evangelho e celebrar as ordenanças necessárias para a salvação. Queremos que todas as pessoas tenham essas mesmas bênçãos. . ."

O debate prosseguiu calmo e depois de lerem: "Um só Senhor; uma só fé, um só batismo." (Efésios 4:5) e mais algumas outras passagens, Carlos sentiu que sua dúvida estava esclarecida.

A resposta desse mestre familiar ilustra alguns princípios proveitosos para enfrentar críticas de maneira positiva e eficaz:

1. *Não fique chocado; esteja preparado.* De tempos em tempos, os mestres familiares têm de enfrentar perguntas ou afirmações aparentemente críticas com respei-

to à Igreja, princípios do evangelho ou membros e líderes. A maneira como eles reagem nesses casos pode exercer um efeito prolongado nas pessoas que são chamadas a ajudar. Mas, estando preparados para responder de forma racional e exercer influência "com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; com benignidade e conhecimento puro" (D&C 121:41-42), raramente haverá ocasião para surpresas, embaraço ou divergências de opinião.

Argumentação e contendas não têm lugar no ensino familiar. Respondendo com segura gentileza, aquele mestre familiar teve o cuidado de criar uma oportunidade fácil de Carlos concordar com ele.

2. *Concentre-se no aspecto positivo.* Quando surge uma afirmação impertinente, o mestre familiar sensato poderia começar presumindo que a pessoa está procurando externar uma dúvida sincera. Então, dividindo a afirmação em seus elementos positivos e negativos, pode concentrar-se nos primeiros.

No caso em pauta, o mestre familiar percebeu que a pergunta de Carlos continha duas partes: (1) a dúvida de sermos a única igreja verdadeira e (2) como existe tanta gente admirável que não é membro da Igreja. Então, o mestre familiar concentrou-se primeiro na opinião positiva de Carlos sobre os amigos — um ponto em que ambos podiam concordar plenamente. A seguir, tendo colocado todos à vontade, passou a tratar da questão doutrinária levantada pelo rapaz. Com sua hábil abordagem, foi capaz de evitar uma discussão; e quando não é preciso ganhar uma discussão, o acordo sempre é mais fácil.

3. *Não tenha pressa de corrigir o erro.* Torna-se difícil modificar a maneira de pensar de uma pessoa quando se encontra sob o impacto da emoção — e a crítica costuma ser uma experiência emocional. Dê ao crítico tempo e oportunidade de corrigir-se sozinho.

Na época em que os rebanhos de gado costumavam ser conduzidos por grandes distâncias até a ferrovia mais próxima, de vez em quando aconteciam estouros. O estouro de um grande rebanho não só destruía tudo que encontrava pela frente, mas era prejudicial ao próprio gado. Os boiadeiros aprenderam pela experiência que não se deve tentar parar o gado alucinado enfrentando-o de frente. Em vez disso, eles acompanhavam o rebanho até alcançarem os animais da frente e então os dirigiam para lugares mais seguros até conseguirem controlá-los, diminuir a corrida desenfreada e levar para o destino desejado.

As críticas encontradas pelos mestres familiares costumam ter

muito em comum com o estouro de gado. Geralmente são provocadas por medo, dor, mágoa ou incompreensão. São prejudiciais não só para a pessoa ou coisa criticada, como ainda mais para quem critica. E como no estouro, geralmente não convém querer parar as críticas frontalmente. Muitas vezes, o meio mais proveitoso é acompanhar a pessoa até poder desviar suas emoções descontroladas para caminhos mais calmos, exatamente como fez o mestre familiar com Carlos.

Às vezes, isto exige que o mestre familiar se restrinja a ser um mero ouvinte, pois ficar ouvindo muitas vezes ajuda a perceber que as críticas servem apenas para encobrir outros problemas. "Não gosto de ir às reuniões" pode na realidade querer dizer: "Não ouço bem" ou "Não consigo deixar de fumar". E a afirmação de que a Sociedade de Socorro não passa de um ninho de fofocas, pode significar: "Minha filha está-se separando do marido e tenho medo do que as pessoas vão dizer." Ouvindo com paciência e atenção, o mestre familiar permite à pessoa vencer a mágoa ou fraqueza que a impede de gozar o espírito do evangelho.

4. *Não concorde com o negativo.* Cavalgar ao lado da boiada procurando dominar um estouro não é o mesmo que juntar-se ao estouro. Semelhantemente, arrazoar ou ouvir afirmações impertinentes ou críticas de alguém não requer que concordemos com a pessoa — pelo contrário. Não importa sua grande vontade de estabelecer entendimento com alguém, tenha o cuidado de não dar a impressão de que concorda com os elementos negativos de suas afirmações.

Diz o Salvador: "Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele." (Mateus 5:25.) Isto não significa aderir às críticas, e sim procurar um ponto positivo de concordância comum e cativar sua confiança antes de corrigir ou redirecionar as críticas. Foi o que o mestre familiar fez no caso de Carlos: Concordar com ele no que pôde, deixando de lado os pontos discordantes até haver criado um clima que possibilitasse um debate calmo e tranqüilo.

5. *Preste testemunho.* Preste testemunho da veracidade do evangelho e do poder revelador na direção da Igreja de maneira incentivadora e edificante, tomando o cuidado de não implicar uma mensagem de condenação ou antagonismo para com a pessoa que procura ajudar.

Carlos tinha mais dúvidas surgidas em conversas com os amigos — dúvidas que também preocupavam seus pais. Embora fossem inativos, os pais queriam que o filho tivesse uma imagem positiva da Igreja mas não dispunham das res-

postas necessárias. Por isso, ficou combinado que os mestres familiares os visitariam semanalmente durante algum tempo a fim de ensinar-lhes princípios do evangelho escolhidos de uma lista de assuntos por eles preparada. Após cada explicação, os familiares eram incentivados a fazer quaisquer perguntas que desejassem.

Foi um método muito produtivo. Numa visita posterior, Carlos fez outra pergunta que o perturbava: "Por que a Igreja constrói tantos prédios dispendiosos enquanto há tanta miséria no mundo?"

Os mestres familiares abordaram a questão de maneira semelhante à primeira. Analisando a pergunta, perceberam que ela também se compunha de duas partes: (1) preocupação com as pessoas necessitadas do mundo e (2) os vultosos recursos que a Igreja gastava com construções.

Tendo dividido a questão em seus elementos positivo e negativo, eles deram prioridade ao primeiro — pois enquanto estivessem falando dos necessitados poderiam concordar sem problemas. Um deles disse:

"Carlos, falando dos pobres você abordou uma das mais importantes preocupações da Igreja. Suponho que muito poucas vezes o Senhor se sente ou sentiu realmente satisfeito com o povo da terra e a maneira como vivem. Um excelente exemplo, contudo, é a cidade de Sião de Enoque." Abrindo as escrituras, entregou o livro a Carlos com o pedido de que lesse o versículo 18. E Carlos leu:

"O Senhor chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade, e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles." (Moisés 7:18.)

"Em Sião não deveria haver pobres", atalhou o mestre familiar, "e é este problema que a Igreja procura resolver." A seguir falou do programa de preparação pessoal e familiar da Igreja destinado a ensinar e incentivar as famílias a se instruir e produzir mais, a se aprimorarem profissionalmente, a fazer armazenamento doméstico, a cuidar da saúde tanto física como emocional. Depois acrescentou: "Você mencionou os edifícios da Igreja. É neles que vamos adorar a Deus e aprender essas importantes coisas."

"É verdade", disse seu companheiro. "Lembro-me do tempo em que morei lá no Norte. Era uma cidade pequena com poucos membros da Igreja quando me batizei. Queríamos muito aprender e você não sabe como considerávamos importante ter um lugar para nos reunir e sermos ensinados. Construímos uma capela. Foi um grande sacrifício, porém não tínhamos dúvidas de que era coisa necessária e prática. Toda construção é dispendiosa. Fizemos a mais bonita

capela que nossos fundos limitados permitiam."

"De onde vem o dinheiro?", quis saber Carlos.

"De você e de mim", foi a resposta sorridente. "É por isso que vigiamos tão de perto o emprego do dinheiro. As capelas e templos são edifícios caprichados mas não luxuosos ou extravagantes. Não devemos esquecer, contudo, a grande mudança que se dá na vida de um recém-converso, mesmo sendo tão pobre como nós éramos. A Igreja provocou uma mudança geral em nós, suponho — até mesmo economicamente. É por isso que acredito que o evangelho seja a solução para a pobreza e sofrimentos de toda espécie, espirituais e físicos."

Neste caso, também, os mestres familiares tiveram sucesso com Carlos porque conseguiram acompanhar seu pensamento sem contribuir para o acirramento do problema. Ignorando momentaneamente a ponta de amargura em sua pergunta, reforçaram seu lado positivo transformando assim uma experiência negativa em positiva.

Os mesmos passos funcionam em casos de críticas a líderes individuais ou membros da Igreja. Seja qual for a crítica, sempre devemos começar com algum ponto positivo que possa conter. Poderíamos considerá-la, por exemplo, um desejo oculto de que todo líder e membro da Igreja fosse perfeito. Assim é possível afastar a questão da pessoa específica para o princípio de que o evangelho objetiva conduzir-nos à perfeição. Acima de tudo, o mestre familiar deve evitar de dar a impressão que se alia à crítica.

A conversa deveria acabar levando ao conceito de que os líderes da Igreja são chamados por inspiração e que *apoiá-los* significa ajudar a pessoa a cumprir seus encargos por maiores que sejam suas falhas, a nosso ver. Significa dar apoio a alguém chamado por Deus. Se já serviu como líder, você poderia falar da dificuldade encontrada em tomar certas decisões com que se defrontou e como foi importante sentir-se prestigiado.

Prosseguindo, o mestre familiar encontre talvez uma maneira gentil de lembrar à pessoa que as imperfeições alheias nada têm a ver com a salvação *dela.*

Independente do processo usado para responder em caso de críticas, um princípio supera todos os demais. Evidentemente o amor. A crítica pode transformar-se num dos piores obstáculos ao amor, mas este é igualmente o melhor meio de vencer a crítica. O evangelho requer que não só devemos amar como criar amor no coração alheio. E isto se consegue demonstrando amor. No ensino familiar demonstramos amor visitando as pessoas ao nosso encargo, conversando com elas, reconhecendo seus esforços, ensinando, apoiando e cuidando delas. Isto é ensino familiar. O processo com que criamos amor pelo evangelho e afeto recíproco.

A aula terminou. Rapazes e garotas juntaram seus livros com o costumeiro alarido, saindo da sala do seminário sozinhos ou em grupos, os olhos e interesse voltados para sua próxima atividade.

Ao ficar finalmente só, arreei na cadeira do professor um tanto desanimado e perturbado. A aula fora particularmente penosa. Eu voltara a personagem central em mais um entrevero com Denis. Ele primou em contrariar praticamente tudo que falei a respeito do evangelho. Chegara mesmo a ressuscitar certas questões que eu julgara há muito resolvidas em aulas anteriores. Diversas vezes forçara-me habilmente a ter de declarar minha posição. Mais uma vez eu prestara testemunho dos princípios eternos que estava ensinando, acrescentando meu testemunho pessoal.

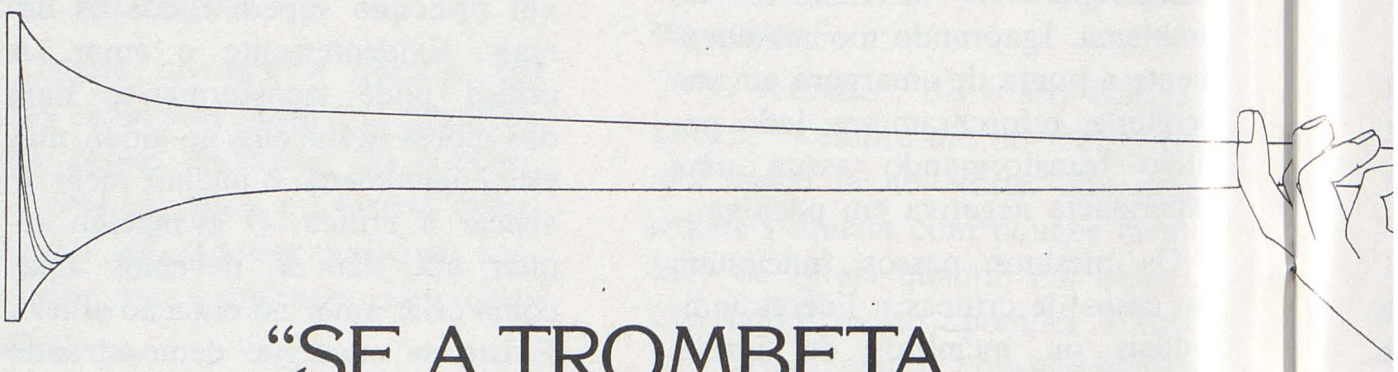
Agora, sentado à minha mesa, pus-me a imaginar se não fora exageradamente firme e dogmático em certos pontos. Eu ensinara, sem dúvida, a posição da Igreja apoiando-me nas escrituras, nas autoridades e em minha experiência pessoal. Mas será que me mostrara tão inflexível que os jovens não conseguiam aceitar o que eu dizia? Estaria a ponto de perder rapazes como o Denis ou garotas como Alice que às vezes tomava seu partido?

Enquanto arrumava minha mesa continuei ponderando piedosamente essas perguntas. Nisso entrou João, um dos alunos, para apanhar alguns livros que havia esquecido na sala.

— Como vão as coisas? — indagou.

— Muito bem, João. E com você?

— Excelentes! Gostei muito de sua aula, apesar do Denis ter-nos



"SE A TROMBETA DER SONIDO INCERTO"

Wayne B. Lynn
Ilustrado por Larry W. Nielsen.

afastado do assunto em pauta por algum tempo. — Depois acrescentou com certa cautela: — O senhor fica aborrecido quando ele contraria o que diz e ressalta o lado negativo?

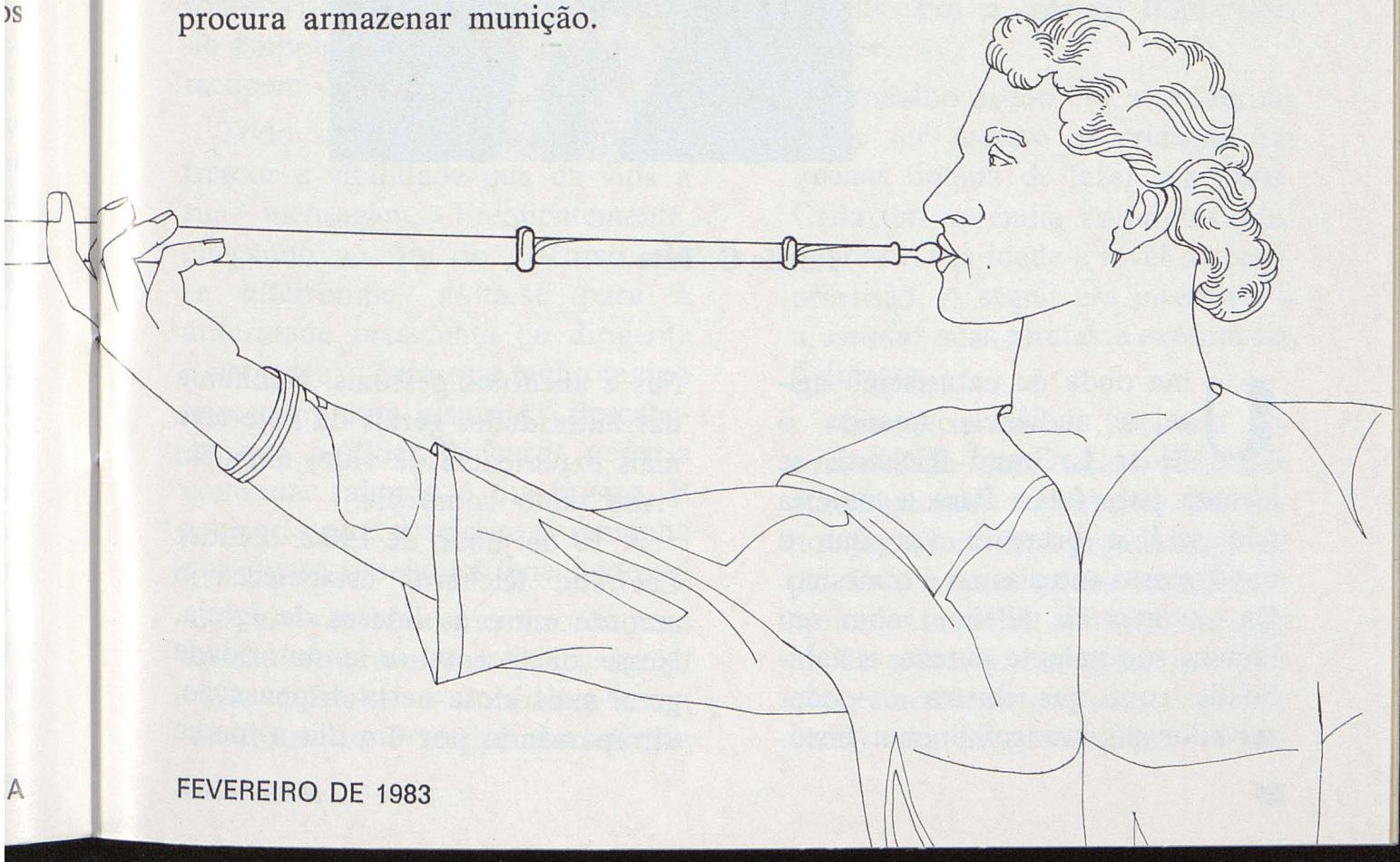
Admiti calmamente que sim mas que o que mais me preocupava era minha aparente incapacidade de lidar com Denis e convertê-lo a uma atitude mais positiva com relação aos ensinamentos do Senhor. João sorriu.

— Foi o que pensei, — disse João sorrindo. — Não sei se sabia que Denis tem muitos amigos que não são da Igreja. Aqui na classe ele se mostra sempre na oposição, mas lá na escola ele se transforma no *senhor!* Os argumentos que apresenta aqui são os que ele ouve dos amigos. Depois ele transmite aos amigos as respostas que o senhor lhe dá. Ele simplesmente procura armazenar munição.

Apanhando os livros, João sorriu em despedida. Voltei a sentar-me, desta vez sorrindo. De repente tudo se encaixava. Futuramente, quando Denis fizesse perguntas, eu saberia e com prazer o ajudaria a encontrar as respostas.

Então senti uma onda de medo. E se eu tivesse falhado? Se tivesse transigido? Eu não teria convertido Denis — tê-lo-ía traído bem como minha sagrada responsabilidade de professor.

Foi Paulo, o apóstolo, quem disse: "Se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?" (I Coríntios 14:8) Não devemos tocar a trombeta nos ouvidos de ninguém, como também não trombetear indiscretamente sua mensagem; pelo contrário, nosso sonido deve ser um chamado doce, certo e seguro.



LE GRAND RICHARDS

Uma Obra Maravilhosa e um Assombro



Lucile C. Tate

Uma onda de entusiasmo agita a audiência quando o Élder LeGrand Richards se levanta para falar. Para a maioria não será a primeira vez que o ouve, mas o entusiasmo é o mesmo. Os ouvintes se deleitam com seu humor, sua patente pureza, a habilidade com que ilustra o poder salvador do evangelho com histórias e anedotas pessoais. Nenhuma das autoridades gerais de hoje teve mais experiência de vida; ninguém viveu tanto como ele.

A 19 de junho de 1982, o Élder LeGrand Richards estabeleceu o recorde entre os líderes da Igreja. Nesse dia tornou-se a autoridade geral mais idosa nesta dispensação, ultrapassando por um dia a marca

do Presidente David O. McKay que viveu noventa e seis anos e cento e trinta e dois dias.

Alguns dias antes de estabelecer o recorde de longevidade entre as autoridades gerais, o Élder Richards submeteu-se a amputação da perna direita abaixo do joelho num hospital da Cidade do Lago Salgado. A cirurgia fez-se necessária devido a problemas circulatórios na parte inferior de sua perna. Irreprimível mesmo após essa grave operação, em pouco tempo reassumiu alguns de seus encargos de liderança usando uma perna artificial com auxílio de uma muleta.

Apesar de os anos terem cobrado seu preço do físico do Élder Richards, aparentemente pouco afetaram seu vigor. Atentem para a voz: Ele fala rapidamente em tons sonoros fazendo o ouvinte escutá-lo empolgado à espera de que ele recupere o *seu* fôlego!

Todo sermão seu transpira um frescor e vitalidade que dá vida a sua mensagem. Freqüentemente, chegando ao fim do discurso, ele se interrompe, volta-se para a autoridade presidente ou dirigente e pergunta: "Será que tenho tempo para mais uma história?" Percebe-se que o Élder Richards poderia continuar falando o dia inteiro. E a alegria que transmite é tamanha que quase desejamos que pudesse!

É um venerável membro de uma família venerável que deu à Igreja cinco apóstolos — dois deles foram membros da Primeira Presidência (Willard Richards e Stephen L. Richards), dois presidentes do Conselho dos Doze (Franklin D. Richards e George F. Richards) e agora LeGrand Richards, um assistente dos Doze (Stayner Richards) e um membro do Quorum dos Setenta (um dos presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta — Franklin D. Richards).

Com noventa e seis anos, ele viveu durante bem mais da metade da história da Igreja nesta dispensação e durante a gestão de dez presidentes da Igreja — desde John Taylor a Spencer W. Kimball.

Sua Infância

LeGrand Richards nasceu em Farmington, Utah, a 6 de fevereiro de 1886, filho de George F. Richards e Almira Robinson Richards. Foi o terceiro filho entre quinze.

Trabalho árduo era a ordem do dia e até mesmo as crianças pequenas tinham de fazer sua parte. Cada um aprendia as tarefas adequadas a sua idade e nível de compreensão. A seguir era incentivado a assumir suas tarefas e executá-las fielmente.

Aos onze anos, LeGrand foi considerado com idade suficiente para assumir o trabalho de um homem adulto; seu grande amor ao pai fê-lo adorar poder trabalhar e aprender com ele, além da troca de idéias sobre o evangelho que freqüentemente surgia em suas conversas. Ajudava a capinar um mi-







Fotos de LeGrand Richards como rapaz, missionário, recém-casado com Ina Jane Ashton, líder local da Igreja e autoridade geral.

lharal de dezesseis hectares, arava a terra, manejava o debulhador de cereais de três metros e meio de largura, e transportava feno, madeira, tijolos, cal e lenha.

No inverno, tudo ficava mais difícil. LeGrand lembra-se de quando ia buscar lenha com o pai nos desfiladeiros, de luvas congeladas, cargas inteiras de tocos de cedro derrubados e cavalos em disparada.

Devido ao exemplo do pai e sua própria boa vontade, servir tornou-se uma coisa natural para LeGrand. Serviu tão dedicadamente como presidente do quorum dos diáconos quanto o pai na presidência da estaca. Dessa experiência ele conta: "Tínhamos de varrer a capela todos os sábados; rachar lenha para as duas grandes estufas, carregá-la até as caixas de lenha e depois, no domingo, chegar bem cedo para tirar o pó e acender as estufas para aquecer a capela. Tínhamos de limpar as mangas dos lampiões a querosene além de abastecê-los. Além disso tínhamos de cuidar do terreno da capela."

Os ensinamentos diários do pai impressionaram a tal ponto LeGrand que assumiu a responsabi-

lidade de salvaguardar sua mente controlando o que nela deixava penetrar. Ele conta que certo dia, "afastei-me de onde costumávamos jogar e resolvi que nenhum amigo meu jamais me poderia acusar de ter sujado sua mente com histórias impróprias como eu acabara de ouvir ali".

Decidido a preparar-se para a futura missão, começou a estudar e memorizar as escrituras, hábito que cultiva até hoje. Seus estudos familiarizaram-no também com os profetas, a ponto de se tornarem quase que amigos seus. "Nem todos podemos contar com companheiros bem instruídos", comentou mais tarde, "mas sim contar com a companhia diária dos grandes homens de Deus estudando sua vida, labuta e ensinamentos, conforme foram registrados e nos chegaram às mãos."

Provações Físicas

A vida não foi fisicamente fácil para LeGrand, mesmo quando jovem. Sofreu repetidas enfermidades e acidentes que puseram a prova seu ânimo e o fortaleceram espiritualmente.

Quando ainda garotinho, levou uma pancada com as costas de um machado na cabeça, ficando estendido no chão desacordado e sangrando. Recuperou-se com uma bênção do sacerdócio e cuidados médicos.

Pouco mais tarde, LeGrand foi lançado fora do carroção por um recuo inesperado dos cavalos, e a roda acabou passando por cima de sua cabeça. Antes de poder ser socorrido, um avanço súbito da parelha fez a roda passar sobre sua cabeça uma segunda vez. O pai assustado levantou o garoto nos braços e deu-lhe uma bênção. E mais uma vez ele se recuperou.

Aos oito anos, LeGrand foi acometido de um mal no osso ilíaco que o obrigou a ficar engessado da ponta do pé até a cintura e andar de muletas durante nove meses. Com isso perdeu um ano de estudos. No mesmo ano, ainda engessado, foi atacado por um carneiro enfurecido que investiu contra ele seguidamente enquanto que, encostado na cerca, o menino procurava defender-se com as mãos. Foi justamente o gesso em torno dos quadris que lhe salvou a vida.

Ainda andando de muletas, aos nove anos voltou a cair debaixo de uma carroça. "A roda passou por cima do meu braço e o fraturou. Procurei minhas muletas e dei um jeito de sair de sob a carroça. Embora meu braço estivesse todo retorcido, não permiti que o médico mexesse nele até papai voltar das pastagens para dar-me uma bênção."

Na adolescência, teve um grave caso de escarlatina, com febre altíssima durante vários dias.

Aos dezenove anos, pronto para sair em missão, LeGrand estava novamente de muletas e gesso, desta vez por causa de um inchaço doloroso no joelho, com a reco-

mendação de ficar em casa descansando. Em vez disso, partiu sem gesso nem muletas na data prevista, depois de receber do pai uma bênção sacerdotal.

De todas as enfermidades e acidentes, só uma lhe causou mazela permanente. Foi o problema no ílio que resultou no encurtamento da perna direita, deixando-o manco e praticamente com dor constante.

Os problemas físicos de LeGrand continuaram na idade adulta. Durante suas duas primeiras missões, teve diversos problemas com os olhos. Não podia ler e recorda: "Era como se estivesse mareado — fortes dores de cabeça e náuseas."

Em 1912, casado havia somente três anos, LeGrand foi acometido de varíola. Depois, durante a terrível epidemia de gripe de 1918-1919, ele contraiu essa doença.

Além de todos esses problemas, o Élder Richards sofreu dois ataques cardíacos, o primeiro em 1942 e o segundo em 1964. Pouco depois do primeiro, o médico comentou que teria apostado "dez centavos na possibilidade de ele sobreviver ao primeiro dia". Mas ele sobreviveu e foi-se recuperando gradualmente.

A partir de então voltou a assumir sua costumeira carga de trabalho, embora seus colegas o vissem usar freqüentemente uma bengala. O velho problema no ílio tornava seu andar inseguro, mas nem por isso retardava seu ritmo de trabalho.

Em 1978, após uma operação de hérnia, o Élder Richards caminhava com o Élder Boyd K. Packer para uma reunião no templo. O Irmão Packer, sentindo que ele se apoiava pesadamente em seu braço, indagou solícito:

— As dores são constantes?

— Não mais do que consigo suportar, foi a resposta animada.

A 23 de fevereiro de 1979 teve de ser hospitalizado, ficando internado em condições críticas por quase um mês. Seu obituário foi escrito e a Primeira Presidência e os Doze informados de que seu passamento era somente uma questão de horas. Mas ele se recuperou gradualmente. Posteriormente, numa reunião dos Doze, comentou: "Li nas atas que foram informados de minha morte iminente, mas eu os enganei, não é?"

Seu Caráter

Sua educação na infância e as muitas provações por que passou na juventude, ajudaram a moldar um caráter verdadeiramente semelhante ao de Cristo. Desde jovem é honesto, diligente, dedicado ao evangelho, cheio de fé e grato a Deus por suas bênçãos. Eis alguns exemplos:

Diligência e Dedicação. No início de sua primeira missão na Holanda em 1905, foi designado a trabalhar no escritório da missão. Sentindo a urgente necessidade de aprender o idioma, procurava terminar logo seu trabalho para poder estudar holandês. Além disso, o espírito da missão "pesava forte-



O Élde
em ma

Recém-c
LeGran
atrás de

Sentado
para un
chamad



O Élder Richards e Irmã Ina celebram bodas de ouro em maio de 1959.



Recém-chegado de uma missão na Holanda (1905-1908), LeGrand Richards posa para uma foto familiar, de pé atrás do pai, George F. Richards (no canto à esquerda).

Sentado à esquerda, LeGrand Richards posa para uma foto com sua família, por ocasião do chamado para o Quorum dos Doze em 1952.



mente sobre ele". Diz ele: "Eu estava tão ansioso de pregar o evangelho, que acordava antes das cinco horas para estudar o idioma e fazer o serviço de escritório para poder sair e bater nas casas à tarde." Dia após dia ele anotava ter distribuído 50, 92, 100 folhetos. A segunda visita para recolhê-los produziu muitas conversas a respeito do evangelho, a princípio sem dúvida com grande dificuldade de comunicação de sua parte. O esforço que estava fazendo como missionário de "tempo parcial" fica patente pelo fato de que, comparativamente, outros missionários estavam entregando somente 197 folhetos por mês durante a mesma época.

Em 1926, LeGrand atendeu a uma solicitação de missionários temporários feita pelo Presidente Heber J. Grant. Deixando os negócios e a família, serviu seis meses noutra parte do país. Em 1929 atendeu mais uma vez quando o Presidente Grant lhe pediu que vendesse a casa e o negócio e se mudasse para a Califórnia, onde serviu primeiro como bispo da Ala Glendale e a seguir como presidente da Estaca Hollywood. Tal chamado não era nada comum naquela época da história da Igreja; mas quando recebeu o chamado por intermédio de um mensageiro, disse: "Diga ao Presidente que tenho o Senhor, a Igreja e a ele em tão alta conta que se é isso que ele quer, eu vou."

Fé. Na volta de sua primeira missão para casa, a viagem de na-

vio foi bastante desagradável. Ao se aproximarem da costa americana, foram atingidos por forte temporal com ondas gigantescas. Tudo que não estava preso ao chão se soltou. Uma irmã que voltava da Escandinávia comentou: — Irmão Richards, você não parece nem um pouco preocupado, — ao que respondeu:

— Bem, não posso saber o que acontecerá com você e os outros passageiros. Quanto a mim, fico tão à vontade como na sala de mamãe. Foi-me prometido que se cumprisse honrosamente minha missão, voltaria para casa em segurança. E estou certo de que minha missão foi aceitável ao Senhor; assim, estou voltando para casa.

Gratidão. Uma profunda gratidão foi sempre uma constante na vida do Élder Richards. Ele recorda que enquanto estava em Amsterdã, na Holanda, "costumava dar uma chegada na capela e ajoelhar-se atrás do púlpito para agradecer ao Senhor o privilégio de estar no campo missionário, e pela oportunidade... de prestar testemunho do evangelho. Estava tão arraigado em mim que meu coração parecia transbordar". Esta alegria continuou acompanhando-o durante os anos.

Serviço na Igreja

O Senhor tem chamado o Élder Richards para seu serviço muitas vezes. Ele cumpriu duas vezes missão de tempo integral e duas vezes foi presidente de missão, no total de quase dez anos. Seu tempo de autoridade geral soma quarenta e quatro anos até agora — e continua. Sem contar o diligente empenho como presidente de ramo em Portland, Oregon, duas vezes bispo na Cidade do Lago Salgado, e bispo e presidente de estaca na Califórnia.

A 6 de abril de 1938, foi apoiado como sétimo bispo presidente da Igreja. Durante os quatorze anos, o Bispado Presidente fez numerosas contribuições, entre elas:

* Criação de um sistema orçamentário para manutenção e despesas das alas aplicável em toda a Igreja. (O Élder Mark E. Petersen, conselheiro numa presidência de estaca na época, testemunhou a mudança e diz: "Ele revolucionou por completo o conceito de financiamento de ala e estaca, sendo muito benéfico para toda a Igreja.")

* Implantação do sistema pelo qual todos os dízimos e contribuições, da Igreja inteira, eram primeiramente enviados ao Escritório do Bispado Presidente; de lá o dinheiro para as despesas era devolvido às unidades locais de acordo com seu tamanho e necessidades.

* Criação de um arquivo geral de fichas de membros. (Antes, as fichas de membros ficavam retidas somente nas alas.)

* Início dos programas de Reconhecimento Individual e Reconhecimento em Grupo.

* Melhora significativa na freqüência à reunião sacramental em toda a Igreja.

* Ajardinamento e embelezamento do terreno das capelas e sedes de estaca. Como bispo presidente numa época em que o número de membros da Igreja era muito menor, LeGrand Richards adotou o que o Bispo Joseph L. Wirthlin (um conselheiro) chamava de "política da porta aberta". Diz ele: "Desde o início de sua gestão, toda pessoa que desejasse conversar com ele ou seus conselheiros era prontamente recebida. As portas do escritório estavam sempre abertas e a viúva, o negociante preocupado, o jovem com problemas, o imigrante sempre recebiam uma palavra bondosa e auxílio do Bispo Richards."

Élder Richards, o Apóstolo

Passava pouco do meio-dia do domingo, 6 de abril de 1952. Acabara de terminar a sessão matutina da 122.ª Conferência Geral Anual. Sem qualquer premonição ou aviso, o Bispo Richards foi informado pelo Presidente Henry D. Moyle, conselheiro na Primeira Presidência, que o Presidente McKay desejava vê-lo em seu escritório. Lá chegando o Presidente McKay disse-lhe que fora escolhido para preencher a vaga deixada pelo Élder Joseph F. Merrill, falecido no dia 3 de fevereiro, no Quorum dos Doze. Recordando a experiência, conta o Élder Richards: "Chorei e o presidente também, abraçamo-nos e a seguir fomos para a reunião da tarde."

Em trinta anos como membro do Conselho dos Doze, o Élder Richards trabalhou em muitas áreas. Além da obra missionária da qual nunca se afastou inteiramente, ele cuidou de diversos encargos administrativos especiais, várias juntas e comitês como membro do Conselho dos Doze.

Como a maioria das autoridades gerais, o Élder Richards tem viajado muito, erguendo a voz em testemunho. Percorreu literalmente todos os recantos da Igreja, visitando missões e comparecendo a conferências. Além disso, compareceu a conferências de área, que levaram numerosas autoridades gerais a povos que jamais poderiam sonhar em comparecer a uma conferência geral na Cidade do Lago Salgado.

Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro

Entre todas as contribuições do Élder Richards à Igreja, destaca-se uma: Seu primeiro livro, *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro* (ele é autor de sete). Em trinta e dois anos e vinte e três edições (1950-1982), *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro* vendeu mais volumes que qualquer outro livro da Igreja, excetuando-se o Livro de Mórmon — a editora registra um milhão e meio de exemplares impressos nos Estados Unidos, além de cinqüenta mil publicados na Europa. A obra foi traduzida

para dezoito idiomas. O Élder Richards nunca aceitou um centavo sequer de direitos autorais, doando tudo para a obra missionária da Igreja.

Muitas pessoas de todas as partes do mundo, qualquer idade e classe social que foram tocadas e/ou convertidas por esse livro, testificam de sua influência sobre elas. Quase que diariamente chegam ao escritório do Élder Richards cartas falando do livro e agradecendo-lhe por tê-lo escrito.

O Élder Richards considera *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro* sua mais importante contribuição para a edificação do reino do Senhor em nossos dias. "Penso que sempre existem no mundo milhares de homens e mulheres de bem, merecedores de serem membros da Igreja", diz ele, mas poucos "se dão ao trabalho de ajustar as verdades de forma a poderem entendê-las. É isto que meu livro faz".

Sua Família

Durante todos os anos de serviço público, o Élder Richards manteve-se firmemente apegado à família. Demonstrou profunda dedicação a sua esposa Ina (falecida em 1977) e a cada um dos oito filhos. Esta união familiar teve início em maio de 1909, quando ele e Ina se casaram. Ele sempre procurou atender às necessidades da esposa. Diz ele: "Enquanto as crianças eram bebês, acho que minha mulher não teve de levantar-se uma única noite, a menos que estivessem doentes. Eu achava que como ela cuidava da criançada durante o dia (e é uma trabalheira mantê-la satisfeita) enquanto eu apenas escrevia nos livros, cabia-me cuidar deles à noite. Assim, quando um bebê chorava, eu pulava da cama para dar-lhe a mamadeira ou trocar as fraldas. Enquanto não estivessem doentes, eu a livrava do encargo de cuidar deles durante a noite."

Embora ele diga que não ajudava quando as crianças estavam doentes, a verdade é outra, pois todos os filhos se lembram de seus cuidados e carinho quando doentes — como os punha na cama e acalmava; como massageava pernas doloridas e os abençoava. Seu afeto por todos eles tem sido profundo, inabalável e constante.

Em maio de 1959, LeGrand e Ina celebraram bodas de ouro. A recordação de cinqüenta anos de provações, alegrias, perdas e ganhos foi destilada e resumida neste breve comentário de Ina: "Ninguém pode ter tido uma vida melhor e mais doce que a nossa."

Após o falecimento dela, o Élder Richards disse aos filhos: "Sou grato por tê-la para sempre. Ela é tão boa como qualquer anjo que possa encontrar além do véu; por isso se sentirá em casa com eles."

Amigo do Povo

As atitudes equilibradas e práticas do Élder Richards atraem as pessoas do mundo inteiro; é um

apóstolo amado por todos. Antes e depois dos sermões, ele costumava ficar a disposição das pessoas que o ouviam, dando-lhes de seu amor, seu calor e sinceridade. Ele costuma dizer: "Muito depois de esquecer o que dissemos, as pessoas se lembrarão de que uma autoridade geral lhes apertou a mão."

Talvez seja disto que mais nos lembraremos do Élder Richards — seu toque pessoal.

Este artigo foi baseado na obra de Lucile C. Tate, LeGrand Richards: Beloved Apostle, recentemente publicado pela Editora Bookcraft, Salt Lake City, Utah. Este artigo já estava composto quando recebemos a notícia de seu falecimento - NR

Alto, à esquerda: Foto da família tirada em dezembro de 1925, que o Élder Richards levou consigo na missão temporária no leste dos Estados Unidos em 1926. Alto, à direita: Casa de George Richards em Tooele, Utah, onde o Élder Richards passou a adolescência na passagem do século. Embaixo, à esqueda: O recém-chamado Bispo Presidente LeGrand Richards com seus conselheiros Marvin J. Ashton, esquerda, e Joseph L. Wirthlin, à direita, em 1938. Embaixo, à direita: Bispo LeGrand Richards, da Ala Sugar House na Cidade do Lago Salgado, com seus filhos LaMont e LeGrand Jr. numa atividade de pais e filhos da ala.



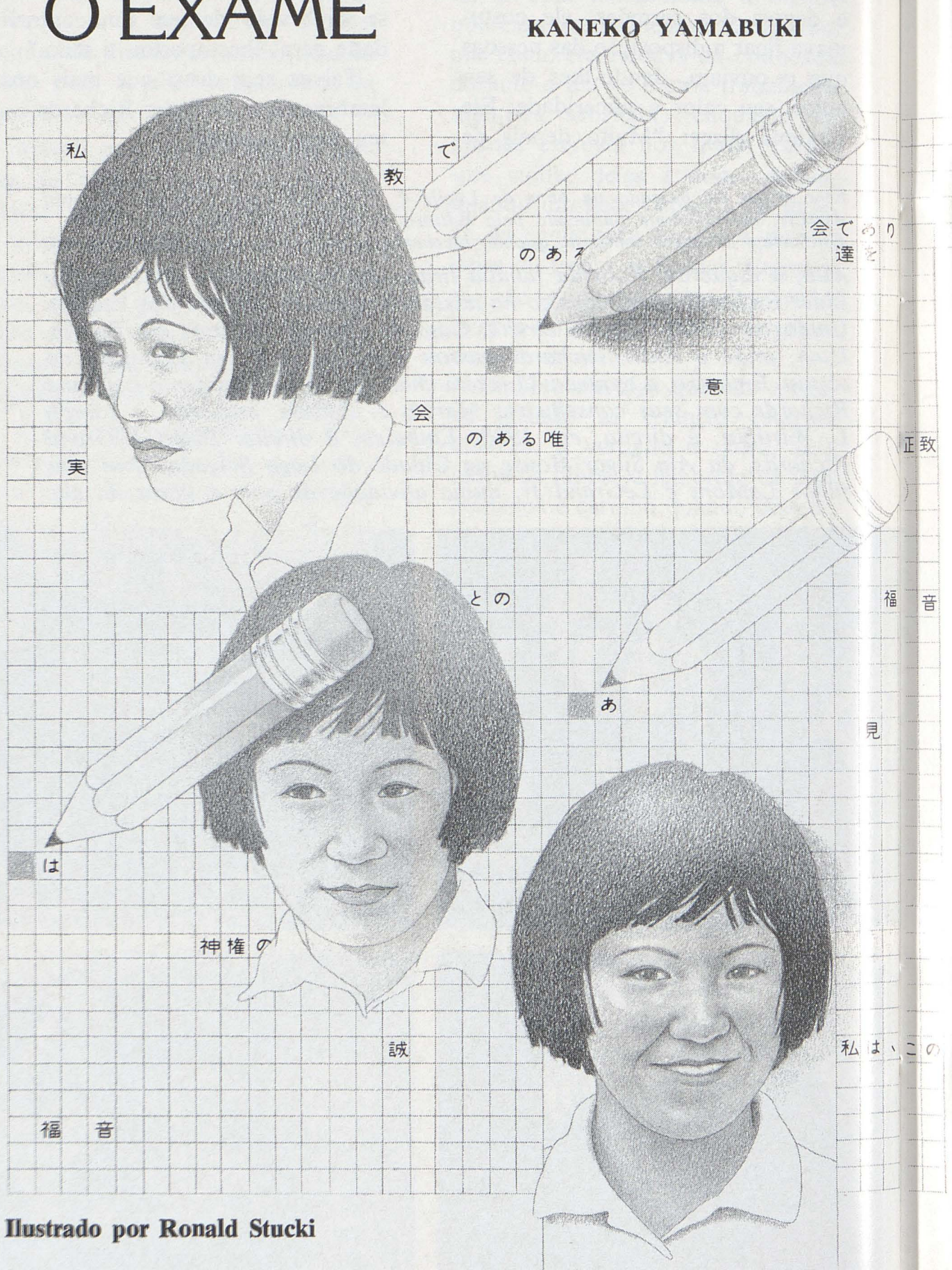




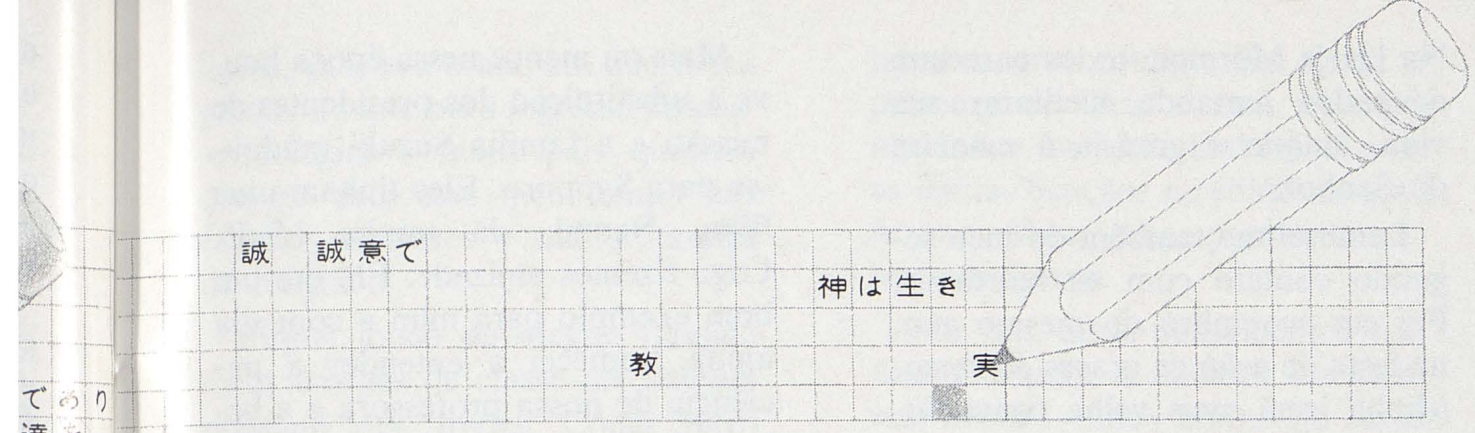


O EXAME

KANEKO YAMABUKI



Ilustrado por Ronald Stucki



O vestibular me deixava temerosa. Se não fosse aprovada, provavelmente meus pais não permitiriam meu batismo.

Os ponteiros do relógio pareciam estar emperrados. Toda vez que olhava, continuavam no mesmo lugar. Por que o professor não aparecia logo para iniciar a prova acabando finalmente com minha agonia?

Como todo estudante japonês, o vestibular para ingresso na faculdade me causava pavor. Em nosso país, quem não passa nesse exame não pode cursar a universidade. Os estudantes costumam ficar estudando até altas horas da noite, pois acreditam no dito popular: "Quem dorme quatro horas passa; quem dorme cinco horas fracassa." À semelhança de meus amigos, eu passara muitas noites sem dormir e ouvira inúmeras vezes de meus pais que devia cuidar de não ser reprovada.

Para mim o exame era ainda mais importante. Significaria a diferença entre meus pais permitirem ou não que me batizasse. Havia quatro anos que eu procurava convencê-los, principalmente meu pai, de que filiar-me à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias seria bom para mim. Ele nem queria ouvir falar no assunto, insistindo sempre que, por agora, meus estudos eram mais importantes.

Se ao menos eu fosse aprovada no vestibular, assegurando meu ingresso na faculdade, a pressão diminuiria. Então talvez meus pais dessem permissão para eu me batizar. Dei outra olhada no relógio. Três minutos ainda...

Recordei meu primeiro contato com os mórmons. Foi no verão do segundo ano ginasial, quando o Presidente Kimball visitou Sapporo. Embora tivesse estado em muitas outras igrejas, naquela reunião vi uma coisa nova — a unidade entre todos os membros. Estranhei. Nas outras igrejas, as pessoas compareciam às reuniões, sentavam-se, escutavam e depois iam para casa.

Na Igreja Mórmon, todos pareciam ocupados tentando melhorar sua vida, amá-la e gozá-la à maneira do Senhor.

Lembrei-me também do meu segundo contato com os mórmons. Foi em novembro do mesmo ano, na festa de ação de graças do ramo. Minha irmã mais velha convidou-me a acompanhá-la, dizendo que lá todas as pessoas seriam parecidas com anjos e nos deixariam embaraçadas em sua presença. Foi exatamente como me senti! Nunca antes compartilhara de tal atmosfera familiar, espiritual.

A partir daí fui às reuniões todas as semanas, sendo recebida por todos de braços abertos. Os missionários ensinaram-me as verdades do evangelho restaurado, explicaram-me como orar para saber a verdade por mim mesma. Nenhuma outra igreja me ensinara a orar, mas nesta até mesmo as crianças pequenas sabem como se faz. Li diariamente o Livro de Mórmon, orando a respeito dele. Pouco a pouco fui entendendo o propósito de minha estada aqui na terra e o que é importante nesta vida. Ainda assim, não achava que tivesse um testemunho.

Em abril, o ramo deu início ao programa das Moças, com apenas uma participante a princípio. Eu! Mesmo quando eu não podia comparecer, a professora ficava esperando por mim. Isto também me pareceu muito estranho. Por que era tão paciente? Por que esperava tanto tempo mesmo não tendo certeza que eu viria?

Mais ou menos nessa época houve a substituição dos presidentes de missão e a família Suzuki mudou-se para Sapporo. Eles tinham uma filha, Naomi, da minha idade. Logo fizemos amizade. Ela era um bom exemplo para mim e com sua ajuda, comecei a entender a paciência de nossa professora e a beleza do evangelho. O exemplo de Naomi ajudou-me a continuar indo à Igreja semanalmente e a orar sempre. Consegui adquirir um pequeno testemunho e desejava de todo o coração ser batizada.

Eu já havia conversado uma vez com meus pais antes de receber essa bênção, mas eles se opuseram. Agora, armada com meu testemunho ainda que pequeno, tentei novamente.

"Fé", explicou-me meu pai, "não aparece de um dia para outro. É um processo longo que leva anos." Ele achava que para uma estudante a escola é mais importante que religião, recusando-se terminantemente a autorizar meu batismo.

Foi uma experiência muito dolorosa. Reanimei-me, porém, refleti sobre o que papai dissera e decidi que numa coisa ele *tinha* razão. Religião não deve ser um entusiasmo passageiro e sim uma aventura vitalícia! Comecei a freqüentar o seminário e a estudar seriamente o Velho Testamento. As aulas divertidas e interessantes ajudaram-me a entender melhor um assunto inteiramente novo para mim, e meu conhecimento do evangelho foi-se aprimorando. Entretanto, eu não tinha como adquirir os livros de

lições, pois era o ano em que devia prestar exame para ingresso no curso colegial e meus pais queriam que eu dedicasse meu tempo aos estudos escolares e não a tarefas de religião.

Fiquei louca de alegria quando meus colegas de classe me fizeram presente dos livros! Como retribuir? Só mesmo estudando *a fundo* aqueles livros. Embora meu progresso fosse mais lento que o dos outros, consegui terminar os livros e devolvê-los ao professor.

Fui também aprovada no exame de ingresso no colegial. Que alívio! De coração mais leve voltei a tocar no assunto do batismo, achando ter provado que podia ser ativa na Igreja e ao mesmo tempo sair-me bem nos estudos. A resposta lançou-me de volta à dura realidade: "Não, a partir de agora a escola ficará ainda mais difícil. Você não teria tempo para as duas coisas."

Minha freqüência constante às reuniões da Igreja foi irritando meus pais, que me diziam palavras duras quando saía de casa nos domingos. Depois de meses, entretanto, eles finalmente perceberam que eu não desistiria das reuniões e sua oposição amainou um pouco. Continuei estudando as lições do seminário, fortalecendo meu testemunho cada vez mais. Mas o batismo continuava sendo impossível.

Finalmente, Naomi sugeriu jejuarmos e orarmos a respeito de minha situação. Então passamos a jejuar todos os domingos, durante um ano. Naomi nunca deixou de jejuar e orar comigo. Eu sentia a presença de Deus e meu testemunho foi-se tornando inabalável com as muitas bênçãos recebidas naquele ano. Meus pais, porém, continuaram firmes.

Por fim, meus pensamentos voltaram-se para o começo do atual ano letivo — meu último no curso colegial, o ano de preparação para o vestibular. Eu sabia perfeitamente que não conseguiria batizar-me antes do término dos exames. Tinha minhas dúvidas se a coisa mudaria depois. Uma coisa era certa. Se fosse reprovada, meus pais culpariam a Igreja e suas reuniões! Eu simplesmente tinha de provar que estavam enganados. Não sei como, mas tinha certeza de que a aprovação no vestibular seria a chave para meu batismo.

Passei a estudar com mais afinco ainda. A escola teve primazia sobre tudo o mais, até mesmo sobre as designações da Igreja. As tarefas do seminário foram-se acumulando mas eu achava que valia a pena negligenciar o seminário em troca da possibilidade de batizar-me. Ainda assim, sentia falta do seminário, pois fora ele que me fortalecera e fortalecera meu testemunho. Agora que treze livros de lições se empilhavam na prateleira, meu testemunho parecia estar enfraquecendo. Minha consciência dizia-me estar errada, que apesar dos estudos haveria tempo para os trabalhos da Igreja e o seminário, também. No dia 25 de fevereiro prometi a mim mesma que até 4 de março, dia do início do vesti-

bular, estudaria todos os treze livros. Entremear meus estudos escolares com as tarefas do seminário transformou-se em agradável lazer. No dia 2 de março, pude entregar todos eles, completos, ao assombrado professor.

"Está na hora", ouviu-se a voz do supervisor das provas. Dei uma olhada no relógio e sussurrei uma prece. Parecendo um esquadrão de robôs, os vestibulandos se levantaram e dirigiram-se para o recinto das provas. Acompanhei-os relutantemente.

Passei! Mal consigo acreditar! Que emoção! Quando dias mais tarde foram afixados os resultados, meu nome estavá lá. Eu podia fazer o curso superior! Fui correndo dar as boas novas a meus pais e também perguntar-lhes se podia finalmente concretizar meu sonho de tornar-me membro da Igreja.

"Não", respondeu simplesmente papai. Fiquei muda, assombrada. Mamãe, porém, pela primeira vez na vida, veio em minha defesa. Lembrou-lhe que eu fora fiel aos meus estudos *e* à minha religião durante quatro anos. "Essa igreja deve ser tão boa que não penso ser errado minha filha batizar-se nela," argumentou. "E é uma boa igreja. Posso compreender por que minha filha quer pertencer a ela por toda a vida."

Nós três conversamos durante horas. Aos poucos fui compreendendo que meus pais não estavam contra mim, apenas me amavam. Preocupavam-se comigo e não queriam que fizesse algo impensado. Sou grata por ter pais tão maravilhosos. Penso que eles, também, entenderam que a Igreja *não* era mero capricho para mim. E deram-me a tão esperada permissão! Fiz o convênio do batismo no mesmo dia em que me formei no programa das Moças. Meus colegas de seminário ajudaram a planejar o serviço batismal e quase toda minha família compareceu.

Apenas uns cinco por cento dos estudantes secundários e universitários da Igreja no Japão têm pais membros. Eles sabem que compartilhar o evangelho com seus familiares às vezes se torna difícil, e que pais budistas e xintoístas nem sempre conseguem entender a alegria que o conhecimento do evangelho de Jesus Cristo faz nascer em nosso coração. Creio firmemente, porém, que o Senhor se preocupa conosco e proverá um meio de ajudar-nos. Quanto a mim, foram quatro anos de paciência que fizeram minha fé fortalecer-se.

A Fé na Oração

Quando aprendi a orar, descobri que estava realmente falando com Deus, em nome de Jesus Cristo.

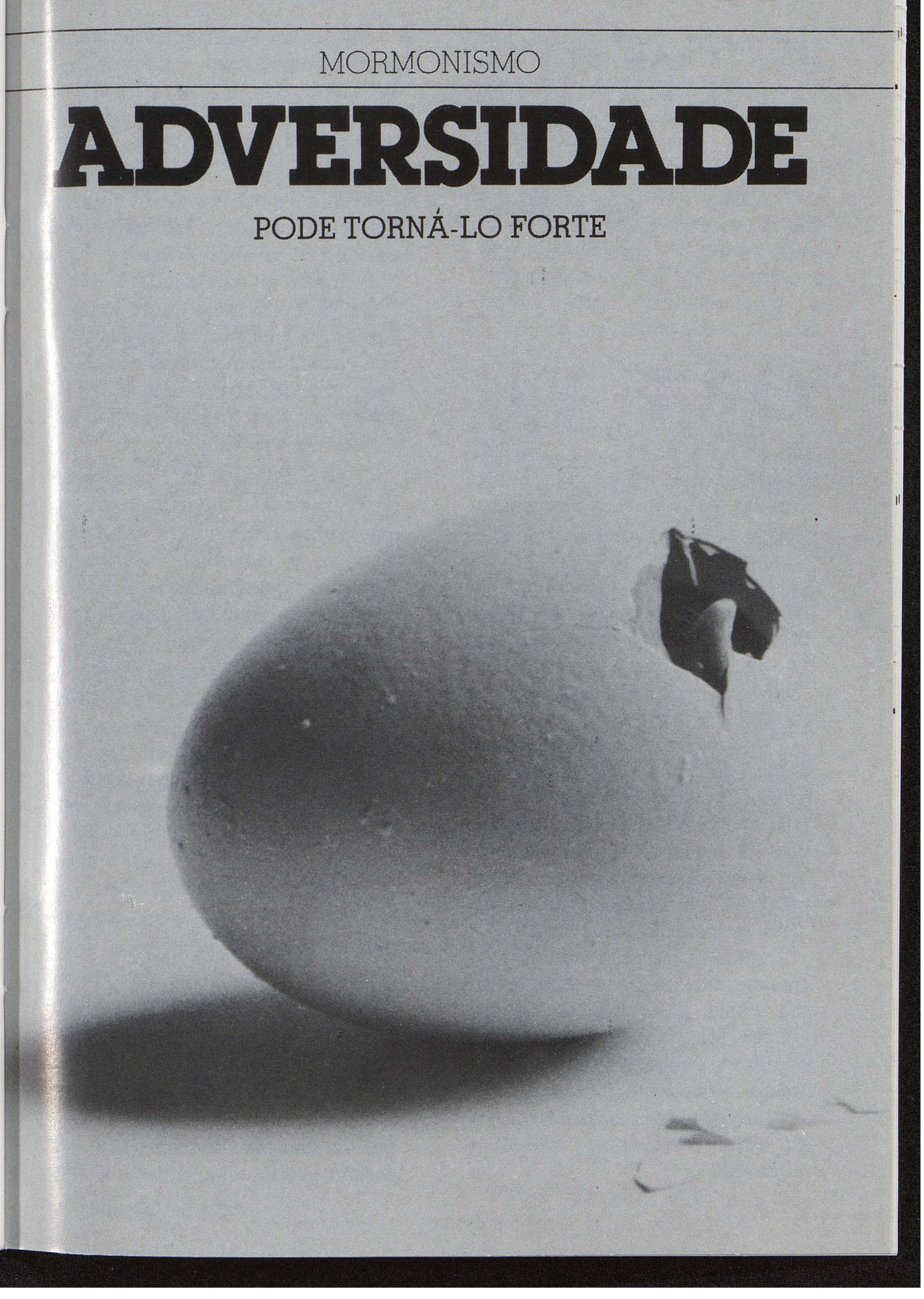
Se algum dentre vós precisa de sabedoria, pergunte a Deus, e receberá sua resposta. Ore com fé, sem vacilar!

Oro neste dia, com toda minha alma, a fim de que o coração dos homens em toda a parte seja tocado pela centelha divina que os fará compreender, aceitar e viver os ensinamentos de Jesus Cristo. **N. Eldon Tanner**

MORMONISMO

ADVERSIDADE

PODE TORNÁ-LO FORTE



PONTA DE FERRO RENOVA SEUS CONVÊNIOS

Lynn L. Wright

O vento morno agitava o capim crescido ao soprar pelos vastos, ondulantes prados do norte de Montana; assobiava pelas velhas tábuas sem pintura, curtidas pelas intempéries, da pequena cabana. Esta erguia-se praticamente só na vastidão cortada pelo Rio Missouri, a meio caminho de seu encontro com o majestoso Mississipi. Lá dentro, ouvia-se de vez em quando o barulho de uma tábua meio solta sacudida por uma rajada mais forte.

Era domingo. Excetuando umas poucas, insignificantes criações do homem, a vastidão daqueles prados ondulantes parecia a mesma que há muitas e muitas centenas de outros domingos e dias da semana. A terra imensa dava uma certa sensação de imutabilidade.

Dentro da morada solitária, escassamente mobiliada, vivia o velho Ponta de Ferro, em outros tempos um valente guerreiro da orgulhosa e magnífica tribo Sioux. Agora, alquebrado pela idade, vivia recluso ali, recostado numa velha cama de hospital, lascada e enferrujada.

Seus olhos vagaram pelas paredes do cômodo sem notar o papelão que as cobria à guisa de revestimento. Era o mesmo na maioria dos lares indígenas da reserva. Olhando a esmo, vez por outra fixava-se nalguma velha e desbotada fotografia ou outra lembrança do passado, e antigas memórias que lhe vinham à mente alerta. Nem Ponta de Ferro, nem outros conhecidos seus sabiam quantos anos tinha, mas suas memórias remontavam aos tempos felizes de seu povo. Ele vira passar muitos invernos em sua vida.

O Irmão Ponta de Ferro sabia muito bem que dia era; esperava ansiosamente a hora em que o sol acusasse o meio-dia. Percebendo que estava quase na hora, estendeu seus outrora vigorosos braços procurando alisar a coberta e o surrado acolchoado que lhe agasalhava o frágil corpo. Depois, com mãos nodosas, arrumou as duas tranças de belo cabelo grisalho que lhe pendiam até abaixo dos ombros. Era importante que ficassem no lugar certo, emoldurando a cabeça orgulhosamente ereta, por mais duro que fosse mantê-la assim.

E pôs-se a esperar. Não demorou, a porta se escancarou após uma batida enérgica, mostrando dois moços de terno escuro contentes de poderem abrigar-se do vento.

Ponta de Ferro prontamente estendeu a mão para um caloroso cumprimento aos dois missionários que vinham para um propósito especial a sua humilde cabana. Como

o ancião mal falava o inglês e os élderes não sabiam praticamente nada do idioma *sioux,* não houve muitas palavras; mas todos sentiam a comunhão espiritual que ali reinava.

Os élderes, todavia, dispunham de um hinário em idioma *sioux*. Então, enquanto um deles escolhia um hino, o outro mudou uma velha e desconjuntada cadeira, toda amarrada com arame, para o centro do cômodo. Depois de forrá-la cuidadosamente com dois lenços limpos, caprichosamente passados, colocou sobre eles um pequeno prato. No prato colocou um pedacinho de pão ladeado de um copinho com água pura. Agora estava tudo pronto para o início da reunião.

Tendo escolhido o hino 124, os três cantaram o melhor que conseguiam "Ó Doce, Grata Oração", após o que um dos missionários proferiu a primeira oração. A seguir, seu companheiro sênior ajoelhou-se e abençoou o pão. Quando ofereceram o prato a Ponta de Ferro, sua mão trêmula se estendeu para apanhar o pedacinho de pão, que para ele representava o corpo sacrificado de seu amado Salvador. Lágrimas rolaram-lhe lentamente pelas faces enrugadas, curtidas pelo tempo.

Depois de abençoada e tomada a água, os élderes voltaram a abrir o hinário e todos cantaram "Israel, Jesus Te Chama". O companheiro júnior proferiu a última oração, a cadeira voltou para seu lugar — a reunião terminara. Mais uma vez Ponta de Ferro pudera renovar seus convênios. Os missionários demoraram-se mais um pouco, relutando em afastar-se daquele espírito especial que sentiam tão fortemente na velha cabana plantada nas planícies de Montana.

Finalmente, apertaram a mão de seu querido irmão em despedida. Saíram para o forte vento da pradaria que agora já não parecia mais tão incômodo.

Era uma gostosa designação semanal que cumpriram com prazer até que o velho, bravo guerreiro, Ponta de Ferro, deixou esta vida mortal e foi sepultado no grande e antigo cemitério índio de Chicken Hill.

Prezado Assinante:

Mudou-se ou vai mudar-se?

Avise-nos imediatamente a fim de não ficar sem sua revista.
Recorte a etiqueta de endereçamento que acompanha *A Liahona* e envie-a ao endereço abaixo, com seu novo endereço.

Mande a informação para a Caixa Postal 26023 - CEP 01000
São Paulo - S.P.



"ORGULHO E PRECONCEITO"

Susan Evans McCloud

Quero salvá-la de um erro terrível, Michelle. Você tem que confiar em mim. Eu sei."

Ilustrado por Ronald Stucki

Colocando a ficha em seu lugar dentro do livro, entreguei-o à moça do outro lado do balcão. Erguendo o olhar, dei com os grandes olhos azuis fitando-me por sobre o punhado de sardas que salpicavam seu nariz.

— Já teve notícias da Universidade Brigham Young? — indagou com olhos cintilantes.

— Acho até que está mais ansiosa que eu, — respondi rindo, embora soubesse que não era bem assim. Parecia-me que toda minha vida, tudo que pudesse acontecer no futuro, dependia daquela decisão tomada por desconhecidos.

— Eles têm de aceitá-la, — afirmou Lori com voz alterada, voltando para a mesa para cuidar dos cartões. — Com as notas que teve nos últimos dois anos, além de ser uma recém-conversa e tudo mais... bem... não acho que haverá problemas.

Suspirando, enrugou o nariz desconsolada.

— Como você tem sorte, Michelle, podendo ir para Utah, as montanhas e BYU!

— Eles não sabem que acabo de me converter, bobinha, e você também vai para lá daqui a dois anos.

— Dois anos parecem uma eternidade, principalmente quando vejo você indo agora, — resmungou Lori.

Não pude deixar de rir. Ela era tão meiga, franca e sincera. Embora quatro anos mais nova que eu, era provavelmente a melhor amiga que já tive. Fora ela que me iniciara no evangelho, modificando minha vida. Lori era a única moça mórmon que eu conhecia e a meu ver era um espécime bastante próximo do ideal.

Levando o monte de revistas para a estante, pus-me a ordená-las e colocá-las no lugar. Desde os dezesseis anos que eu vinha trabalhando na Biblioteca Municipal de Franklin todos os verões. Mesmo depois de cursar dois anos de faculdade em Madison, continuava sendo a melhor colocação disponível numa cidadezinha de sete mil habitantes perdida nas matas de Wisconsin.

No verão passado, a biblioteca contratara os serviços de duas novas colegiais — uma delas sendo a Lori. Simpática e expansiva, não demorou a fazer amizade com todos os colegas de trabalho e deixar claro que era mórmon. Eu lera alguma coisa a respeito dos mórmons e de Brigham Young nos livros de história, mas na verdade não sabia nada. Não consegui entender por que aquela moça de repente me fez ficar tão curiosa, tão interessada em algo com que nunca me importara.

Isso foi há um ano. Como é que um só ano pode modificar tanto uma pessoa. Nada mais era como antes de eu conhecer o evangelho e filiar-me à Igreja. Agora estava envolvida em mil atividades diferentes e tinha amigos também diferentes. Eu pensava de maneira diferente e desejava coisas diferentes. E eu era mais feliz e mais humilde do que fora em toda minha vida.

Arrepiei-me toda recordando o dia em que pedi, pela primeira vez, a meus pais permissão para ser batizada. Eles sabiam que eu andava freqüentando as reuniões dos mórmons, mas acho que não conseguiam admitir para si mesmos que a coisa era séria. Papai é um homem calmo e bondoso. Refletiu uma porção de tempo antes de responder. Mas a reação de mamãe foi imediata. Ficou pálida, a boca rígida e dura.

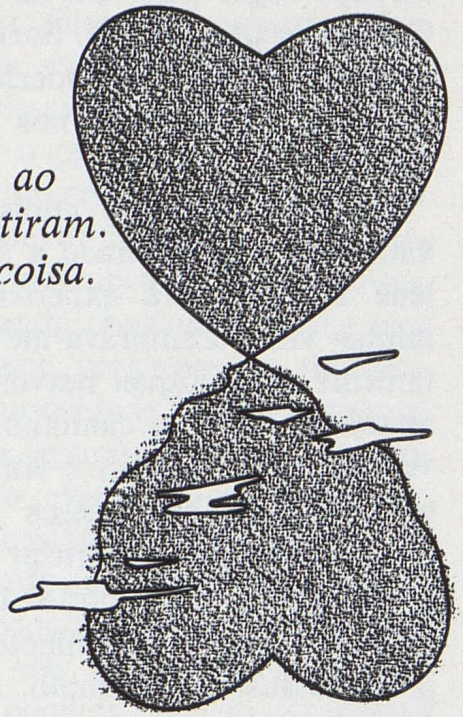
— Absolutamente não, Michelle, — anunciou com voz fria e irritada. — Está fora de questão, portanto não volte a mencionar o assunto.

— Mas por quê? — indaguei. — Por que?

— Por que? — gritou com os olhos fuzilando. — Porque você não sabe o que está fazendo. Quero salvá-la de um erro terrível, Michelle. Eu sei. Você tem que confiar em mim. Eu sei.

Fiquei imaginando que coisas horríveis ela sabia ou pensava saber dos mórmons. Por mais que a

Ninguém de minha família compareceu ao batismo. Era o que eu queria e eles consentiram. Mas consentir e apoiar não são a mesma coisa.



interrogasse, ela se recusava a falar. Ela simplesmente continuava dizendo não daquela maneira zangada, inflexível. No fim, contudo, papai prevaleceu, como geralmente acontecia por ser tão ponderado e paciente. Lembrou-lhe que eu tinha mais de vinte anos. Dentro de poucos meses poderia tomar minhas próprias decisões, sem aprovação deles. Lembrou-lhe que eu era uma boa filha, inteligente, esforçada, obediente e sincera. "Ela merece poder encontrar seu próprio caminho na vida," ponderou bondosamente.

Assim acabamos fazendo um trato. Eu tomaria aulas de teologia com o ministro de nossa igreja. Aprenderia tudo que pudesse a respeito das crenças e doutrinas da igreja a que pertencera toda minha vida. Em outras palavras, daria à igreja deles a mesma oportunidade que dera aos mórmons. Se depois de tudo isso quisesse mudar — rejeitar a religião deles e tornar-me uma SUD — eles consentiriam.

Levantei-me, estiquei as costas e voltei para a mesa principal. Ao lado dela encontrei um carrinho repleto de livros para serem recolocados nas estantes. Lori, atendendo o público no balcão, deu-me um sorriso.

— Pode deixar que eu cuido disso, — ofereceu, — se quiser ficar aqui no balcão um pouco.

— Não, muito obrigada, — respondi. — Não me importo.

Empurrei o carrinho para o setor de livros de ficção, parando no "A". Adams... Anderson... fui guardando os livros automaticamente. Ashley... Austen... Jane Austen... uma de minhas autoras prediletas. Apanhando um exemplar de *Orgulho e Preconceito,*

arranjei lugar para ele na estante. Orgulho e preconceito. Sorri amargamente. Bem que poderia ser o título de minha vida nos últimos meses.

As idas ao nosso ministro haviam-me proporcionado a mais solene e impressiva experiência de minha vida. Lembrava-me perfeitamente como fiquei nervosa, quase tola ao subir o caminho para a velha igreja de granito e abri a porta pesada. Meus passos soaram alto, incômodos ao cruzar o piso duro, polido até a porta do gabinete do clérigo. O gabinete em si já era assustador. Amplo, forrado com espesso tapete, uma parede inteira tomada por alta estante com centenas de livros grossos, antigos, de aparência impressionante. O Dr. Allred estava sentado numa poltrona de couro atrás de uma pesada mesa que nos mantinha à distância quando me sentei na beirada da cadeira do lado oposto.

— Então você está querendo tornar-se mórmon? — disse subitamente, com rosto impassível. Era impossível perceber-se o que pensava. Antes de eu poder responder, ele prosseguiu: — Sua vinda aqui foi idéia de seus pais, não foi?

Fiz que sim com a cabeça, enquanto ele me fitava até que finalmente um leve sorriso desfez a rigidez da boca severa.

— Bem, vejamos o que se pode fazer, — comentou, inclinando-se sobre a mesa.

Tivemos três encontros e li todos os livros e folhetos que ele me deu. Respondi suas perguntas e ele respondeu algumas minhas, mas a discussão se manteve sempre polida, reservada. Em nosso último encontro, ficou sentado atrás da mesa olhando para mim; não chegou a abrir o grosso livro que iríamos debater. Afinal falou, erguendo uma sobrancelha meditativamente:

"Fiz o que seus pais me pediram. Mas na verdade não há nada que eu lhe possa ensinar; nós dois sabemos disso. Agora você precisa tomar sua própria decisão, sem dúvida."

Hesitou. Atraída por sua expressão e algo que senti vibrar em sua voz, inclinei-me em sua direção. Subitamente afastou a cadeira, dirigiu-se à estante de livros e apanhou um volume relativamente pequeno e fino. Voltando à mesa, o depôs com firmeza e depois o empurrou para perto de minhas mãos, que apertavam a beirada polida do móvel. Soltei uma exclamação de espanto quando li o título: Livro de Mórmon.

"É isso mesmo", confirmou, "O Livro de Mórmon. É dele que tiro certos subsídios para meus sermões."

Embora suave, sua voz penetrou-me profundamente, fazendo meu coração disparar e sentir na pele como que um arrepio cálido e formigante.

"Eu próprio me tornaria mórmon se fosse possível." Apanhou o livro balançando-o pensativamente. "Sou ministro; é minha vida. É só o que sei fazer. Meu pai foi ministro, meu avô também." Inter-

rompeu-se e seu olhar revelava tamanha tristeza que fitá-lo pareceu-me quase que uma intromissão. "Mas se eu fosse você", continuou com a mesma voz suave e firme, "me tornaria membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

A seguir levantou-se e foi guardar o livro. Levantei-me. Sabia que não restava nada a dizer, mas estava enganada. Junto à porta, ele despediu-se de mim com um caloroso aperto de mão, prendendo-me com o olhar. "O que falei hoje à noite deve ficar entre nós. Caso contrário negarei tudo o que disse. E você sabe, é lógico, em qual de nós dois acreditariam."

Fiz que sim, tentando responder-lhe com os olhos e um sorriso. Assoberbada demais para poder falar, fui para casa caminhando pela noite fria, silenciosa.

Uma semana depois fui batizada. Ninguém de minha família compareceu. Era o que eu queria e eles consentiram. Mas consentir e apoiar não é a mesma coisa. Até mesmo meu bondoso pai não conseguia apoiar algo que não entendia e o contrariava.

Mamãe refugiou-se em sua carapaça, tornando a barreira entre nós bastante concreta e real.

"Não faz mal," eu ficava dizendo a mim mesma. "Ela acabará aceitando. É difícil para ela. Tenha paciência."

Mas não aceitou. Passadas algumas semanas, todos voltaram à antiga rotina e a vida continuou como antes. O fato de ter-me tornado mórmon era convenientemente ignorado. Eles não compreendiam como eu estava diferente! E nem se interessavam ou importavam — isso era o pior. Eu não tinha com quem conversar, abrir meu coração. Estava aprendendo, progredindo e descobrindo tantas coisas, mas quando chegava em casa ninguém fazia perguntas ou demonstrava curiosidade. Talvez pensassem que ignorando o fato, ele deixaria de existir. Mamãe, porém, fazia questão de conversar com meu irmão e minha irmã sobre suas atividades, rindo e divertindo-se com eles. Comigo recusava-se a falar. Vivíamos debaixo do mesmo teto, e isso era tudo. Não havia mais qualquer comunicação, qualquer companheirismo, qualquer calor.

Bryan, o rapaz que eu namorava havia um ano, foi espaçando suas visitas e acabou não aparecendo mais. De fato não tínhamos muito mais em comum. Até mesmo Corina, minha melhor amiga desde o ginásio, deixou de me convidar para ir ao cinema ou ouvir discos ou ir nadar no lago com ela. Ela não tinha culpa, é óbvio, nem eu também. Tornara-me um elemento estranho entre eles.

Talvez não fosse tão difícil se houvesse mais jovens no ramo local. Mas não havia. Franklin City é uma cidadezinha e, excetuando os dois irmãos de Lori, de doze e quatorze anos, ela era a única jovem mórmon. Com o tempo a coisa mudaria, mas no momento éramos só as duas.

Levei o carrinho vazio de volta e subitamente descobri que estava quase na hora de fechar.

— Você está bem? — indagou Lori. — Parece tão calada...

— Estava apenas pensando, — respondi. Por mais gentil que fosse, Lori na verdade não poderia entender. Era membro desde que nascera. Seus pais eram membros fortes, ativos. Eles oravam em família e faziam a noite familiar. Ela não sabia como é quando nem a própria mãe fala com a gente, nosso irmãozinho nos xinga ou ver desolação nos olhos do pai.

Saí da biblioteca e fui para o estacionamento. O calor do dia amainara ao anoitecer. Senti o perfume dos cedros e rosas enlaçados ao longo da parede da biblioteca. Estava feliz e contente comigo mesma por dentro. Sabia que estava agindo certo. Agora só precisava de fé para perseverar em minha decisão.

Entrando em casa, a primeira coisa que vi foi a carta na mesinha do saguão; um envelope com o logotipo de Brigham Young endereçado a mim. Abri-a com dedos trêmulos. Fui aceita! E com a bolsa de estudos que pedira a conselho de meu supervisor na Universidade de Wisconsin! Voltei a ler os dizeres diversas vezes, incapaz de acreditar que o sonho se tornara realidade.

Erguendo os olhos, dei com mamãe ali perto observando-me.

— Não precisa dizer o que diz a carta, — comentou. — Dá para ver em seu rosto.

— Mãe, — comecei, mas ela interrompeu-me com os olhos fuzilando de raiva.

— Você realmente pensa que é grande coisa, não é? Pois é uma boba pretensiosa e convencida. Exatamente como minha irmã Beth, você deve saber. Ela nos abandonou, exatamente como você pretende fazer.

— Mãe, — gritei desesperada, — eu não estou abandonando vocês. Vou apenas estudar numa universidade. São nove meses. É só isso.

— É o que você pensa, Michelle. E se nunca mais voltar? Beth nunca voltou.

— Mas não é a mesma coisa! Vovô Hunter a mandou embora por causa de algo desonroso que ela fez. Quem não a *deixou* voltar foi ele!

Ela me fitava com um olhar muito estranho.

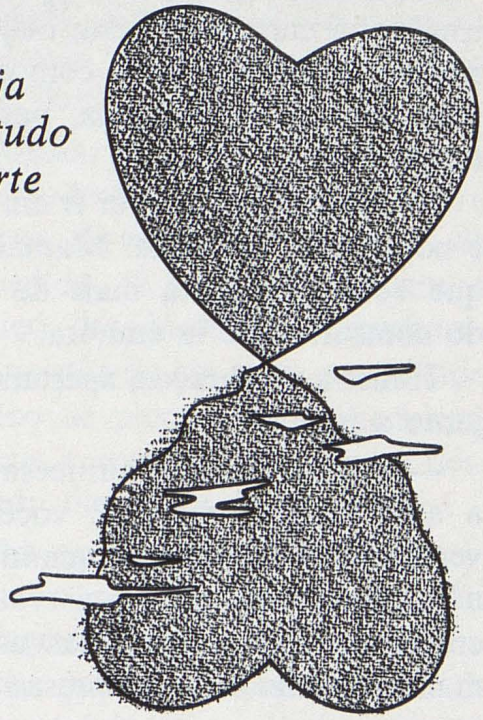
— No instante em que se juntou à Igreja Mórmon, você se voltou contra nós e tudo que somos. Você não mais faz parte de nós, Michelle. Quando partir para Utah, estará rompendo o último vínculo.

— Mãe, por favor! Não fale assim.

Fui ao seu encontro, mas ela recuou.

— Como pôde fazer isso comigo? — falou chorando. — Como pôde ser tão egoísta e cruel? Beth era minha irmã mais velha e se virou contra mim. Abandonou-me quando eu mais precisava dela. Você é igual a ela, Michelle. Igual a ela!

No instante em que se juntou à Igreja Mórmon, você se voltou contra nós e tudo o que somos. Você não mais faz parte de nós, Michelle.



Passei correndo por ela, pela cozinha até o quintal. Queria estar só. Tremia de frio embora a noite estivesse morna. Jamais poderia sonhar que mamãe me compararia com sua infeliz irmã Beth. Há muito que eu conhecia a história da misteriosa irmã que fora deserdada pelo pai severo e que desaparecera para esconder sua vergonha em algum lugar distante. Como criança achava-a um bocado romântica, doce e triste. Mas jamais imaginara tornar-me a personagem central numa história assim. Como mamãe ousava pensar isso de mim? Acaso se envergonhava de mim? Pretendia deserdar-me, como seu pai fizera com sua querida irmã?

Mais tarde, estando sozinha em meu quarto, entrou Paul, meu irmãozinho.

— Só queria dizer-lhe como você é má.

— O que você quer dizer com isso?

— Você sabe muito bem. Você deixou mamãe zangada e ela fica gritando e descontando em todos nós; depois acaba chorando metade da noite. Você só sabe causar problemas, Michelle.

— Não é verdade, Paul! — defendi-me sentindo um nó na garganta. Era humilhante ter de justificar-me por qualquer coisa que fazia. — Jamais tive intenção de causar problemas.

— Mas causa. Espero que valha a pena o que está fazendo a sua família só para impor sua vontade!

Saiu correndo do quarto sem me dar tempo de responder. Tive vontade de chorar. O que disse era simplesmente injusto. Mas como fazê-lo entender o que realmente estava acontecendo, o que eu sentia?

Mais tarde, quando Katy, minha irmãzinha entrou para um beijo de boa-noite, ela olhou-me com olhos bem abertos e inocentes, perguntando:

— Por que você quer ir embora e nos deixar, Michelle? Mamãe diz que você não gosta mais de nós, do contrário não ia embora.

Tomei-a nos braços, apertando-a junto a mim.

— Não é verdade, princesa! Eu a amo muito, muito! E você vai ver como será divertido quando eu não estiver mais aqui, pois vou escrever-lhe uma carta todas as semanas e mandar-lhe surpresas pelo correio.

Ela se animou; beijei-a e abracei-a bastante antes de deixá-la ir-se. Finalmente fui para a cama, mas não consegui dormir. O que mamãe estava fazendo comigo? Por que me castigava por ser diferente do que ela achava que eu devia ser?

Depois disso, os dias se arrastaram, tristes e sombrios. Parte do tempo eu me sentia zangada com mamãe, com vontade de magoá-la. Mas depois sentia-me pequena e assustada, como uma garotinha, ansiando por um abraço seu. Ela conseguira tirar toda antecipação e entusiasmo da coisa, e às vezes eu fraquejava e pensava se não seria melhor abandonar meus planos. Contudo, eu recebera respostas demais às minhas preces, sinais mostrando-me que rumo seguir na vida. Procurava convencer-me de que tudo acabaria dando certo. Talvez fosse melhor para minha família eu estar longe. A distância evitaria conflitos e desentendimentos, facilitando assim que me entendessem e tivessem uma atitude mais generosa e compreensiva. Quem sabe até achariam falta de mim, um pouco pelo menos.

Mas eu tinha medo. E não havia ninguém para desabafar. Lori via apenas que eu tinha um mundo inteiro a meus pés, que estava indo para Sião, onde tudo seria alegria e felicidade e sonhos realizados. Eu, porém, nunca estivera em Utah. Na verdade nem sabia como era realmente uma montanha. Não conhecia ninguém em Utah, muito menos na BYU. Como seriam os mórmons de lá? Achariam graça de eu ser diferente, se cometesse algum erro? No pequeno ramo era tão informal, tão experimental. Como seria estar numa congregação de centenas de membros? E se todos eles soubessem mil vezes mais acerca do evangelho que eu?

Finalmente chegou a hora de eu partir. Na véspera da chegada do ônibus que me levaria ao aeroporto em Madison, passei o dia jejuando e orando. Não suportava a idéia de deixar mamãe daquele jeito, ela me odiando e achando que a abandonava ou rejeitava como sua irmã.

Naquela noite tive um sonho. Era novamente criança, de rostinho sujo e longas tranças. Alguns garotos me perseguiam na rua; acabei caindo e esfolando o joelho. Cheguei em casa correndo, chorando e gritando por mamãe. De re-

pente me vi em seus braços, sendo embalada e acarinhada. Beijou-me, limpou meu joelho, desinfetou o esfolado com iodo e depois o cobriu com um lindo e grande curativo. Acordei de repente, sentindo ainda o toque macio de sua mão em minha pele, vendo ainda seu rosto iluminado pelo sorriso carinhoso.

Ocorreu-me então que mamãe não sabia quanto eu precisava dela! Há quanto tempo eu não lhe pedia um conselho ou ajuda? Aos olhos dela eu parecia eficiente, reservada e segura. O mormonismo a excluíra de minha vida e eu nada fizera para compensá-la — perceber que eu ainda a amava, admirava e precisava dela! Todos aqueles meses ficara pensando que a culpa era toda dela, que só eu era a parte ofendida!

Na manhã seguinte, chamando-a ao meu quarto, pedi-lhe que me ajudasse a arrumar as malas. Eu sabia que ela conseguiria arrumar tudo melhor do que ninguém, pois era hábil e organizada, e lho disse. Conversei com ela, elogiei-a e dali a pouco seu rosto perdeu aquele olhar de desconfiança e passamos a gostar de estar juntas. Não aconteceu qualquer milagre; o tempo era exíguo demais. Não consegui dizer-lhe como estava assustada, o quanto a amava e como me faria falta. Mas seus olhos perderam a expressão gelada e raivosa; ela me acompanhou até o ônibus e quando a abracei e meti um bilhete em suas mãos, ela correspondeu e beijou minha face. Fiz força para não chorar. Fiquei olhando pela janela e dando adeus a minha família, desejando que soubessem quanto amor lhes tinha.

Quando o avião se aproximou da Cidade do Lago Salgado, estava exausta da viagem e emoções da despedida. O avião sobrevoara o maciço das Montanhas Rochosas que no pôr-do-sol eram um mundo feérico de picos e despenhadeiros, nuvens e sombras cambiantes desfilando diante de meus olhos.

Mas agora, quando o avião aterrissou e me dirigi com os demais passageiros para o terminal formigante, pareceu-me que todos tinham aonde ir e alguém que os esperava, menos eu. Hesitei, sem saber o que fazer ou para onde ir em seguida. Notei uma senhora de meia idade, muito atraente, com bastos cabelos castanhos e rosto simpático. Chegando mais perto, pareceu-me familiar e voltei a fitá-la. Era como se viesse diretamente em minha direção. Baixei os olhos e quando voltei a erguê-los, ela estava diante de mim, sorrindo, intensificando a sensação de já tê-la visto em algum lugar.

— Michelle? — falou com uma leve interrogação. — Você é Michelle Briggs, não é?

— Sou, sim... — gaguejei em resposta.

— Foi o que pensei. Você é muito parecida com sua mãe, Michelle; tem os mesmos lindos olhos. — Voltou a sorrir. — Não quero assustá-la, querida, mas sou a Tia Beth.

— Como assim? O que está fazendo aqui? Como soube que eu vinha... ou... ou até que eu existo?

— Sua mãe, Michelle, — foi a resposta. — Todos esses anos não deixei de escrever-lhe, sem nunca merecer uma resposta.

— Quer dizer que mamãe sabia o tempo todo onde você estava?

— Sabia, mas não queria admiti-lo. Sua mãe era muito nova quando fui embora e o Vovô Hunter soube muito bem como envenenar a mente dela. Quando tinha idade suficiente para entender... bem, já era tarde demais.

— Entender? Entender o quê?

Ela silenciou por um momento com os olhos brilhando.

— Quando mocinha, filiei-me à Igreja Mórmon contra a vontade de papai. Eu era jovem e não muito sábia. Feri seu orgulho e ele não conseguiu perdoar-me. Quando parti para Utah, não contou a ninguém para onde eu fora ou qual o verdadeiro motivo. Ele faleceu sem saber que me casei, que tinha três netos que nunca vira além de outro a caminho.

— Sabe, Michelle, continuei comprando o jornal de Franklin City; assim soube do casamento de sua mãe e passei a escrever-lhe regularmente, na esperança de que algum dia seu coração seria tocado e eu receberia uma resposta.

— Todos esses anos? — perguntei admirada.

— Todos esses anos. E todos esses anos orei ao Senhor que abrandasse seu coração; e ele atendeu minhas preces, Michelle, através de você.

O brilho de seus olhos transformara-se em lágrimas e sua mão apertou a minha.

— Mas o que... — gaguejei, — como... — Eu continuava não entendendo.

— Sua mãe escreveu-me contando que você se filiara à Igreja Mórmon, vinha para a BYU e pedindo-me que cuidasse de você.

— Mamãe?!... — Ela fez isso?

— Isso mesmo. Dizia também que você é uma excelente garota e que a ama muito.

Meus olhos estavam marejados de lágrimas e minha garganta doía pelo esforço de contê-las. Minhas preces e as preces de Tia Beth... e as preces de uma mãe cuja preocupação vencera seu orgulho e preconceito, e que ainda podia ensinar-me alguma coisa a respeito de sacrifício e amor! Sorri para a gentil senhora que me segurava pela mão.

— Ainda tenho muito que aprender. — comentei.

— Aprenderá, tenho certeza, — replicou ela, dando-me a entender que sabia tudo o que eu não conseguia expressar.

— Sim, sim, — concordei, — preciso aprender. Quero ser uma verdadeira SUD. Quero que mamãe tenha orgulho de mim.

(Esta é a história romanceada de um acontecimento real na vida de uma jovem.)

Falece o Élder LeGrand Richards



O Élder LeGrand Richards, de 96 anos, membro do Conselho dos Doze Apóstolos, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, faleceu terça-feira, 11 de janeiro de 1983, às dez horas e quarenta minutos, em casa de uma filha na Cidade do Lago Salgado.

Filho e neto de apóstolos SUD, o Élder Richards foi chamado como membro do Quorum dos Doze em abril de 1952. Anteriormente já havia sido por quatorze anos Bispo Presidente da Igreja, e, agora, quando de sua morte, era a pessoa que contava mais tempo como uma autoridade geral, em toda a história da Igreja.

O amado líder era conhecido por seu grande entusiasmo e magníficos sermões, que não raro eram acompanhados de acentuado humor. Escreveu sete livros, entre eles "Uma Obra Maravilhosa e um Assombro", uma das obras mais lidas entre os membros da Igreja.

O Élder Richards foi duas vezes missionário de tempo integral e ainda mais duas presidente de missão. Antes de ser chamado como autoridade geral em 1938, exerceu a função de bispo (três vezes) e presidente de estaca. Dedicava interesse especial ao povo judeu, tendo sido presidente e administrador da Fundação Orson Hyde, que alicerçou o progresso dos Jardins Memoriais Orson Hyde, no Monte das Oliveiras, em Jerusalém.

Décimo quinto filho de George F. e Alice A. Robinson Richards, Élder LeGrand Richards nasceu em 6 de fevereiro de 1886 em Farmington, Utah, EUA. Passou a infância numa fazenda em Tooele, Utah, e após terminar o colegial, freqüentou a Escola de Comércio na Cidade do Lago Salgado.

Após ter sido missionário na Holanda, teve alguns empregos em Utah e Oregon, até que finalmente iniciou seu próprio negócio de Bens Imóveis, na Cidade do Lago Salgado. Trabalhava neste ramo por ocasião de seu chamado como autoridade geral.

Aos vinte e sete anos foi chamado como presidente da Missão Holanda, poucos anos após haver cumprido missão no mesmo país. Mais tarde foi novamente missionário nos estados do Leste e presidente da Missão dos Estados do Sul.

Casou-se com Ina Jan Ashton em 19 de maio de 1909, no Templo de Lago Salgado, união de mais de 68 anos, interrompida pela morte dela em 1977.



A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Liahona

RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA DE ASSINATURA — TAXA ANUAL

PAGÁVEL EM QUALQUER AGÊNCIA DOS BANCOS:

Itaú Banco Itaú S.A. — BRADESCO

NOME

ALA/RAMO VENC.

ENDEREÇO

BAIRRO

CEP CIDADE EST.

RECEBEMOS A IMPORTÂNCIA ABAIXO AUTENTICADA MECANICAMENTE

ASSINANTE

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Liahona

RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA DE ASSINATURA — TAXA ANUAL

PAGÁVEL EM QUALQUER AGÊNCIA DOS BANCOS:

Itaú Banco Itaú S.A. — BRADESCO

NOME

ALA/RAMO VENC.

ENDEREÇO

BAIRRO

CEP CIDADE EST.

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Liahona

RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA DE ASSINATURA

Nº DE ANOS A RENOVAR		TAXA ANUAL Cr$		IMPORTÂNCIA A PAGAR Cr$
1 2 3	X		=	

	CONTA Nº	AGÊNCIA
Itaú	03777-8	0788
BRADESCO	010.100.1	0656

CHANCELA DO RECEBEDOR

BANCO